

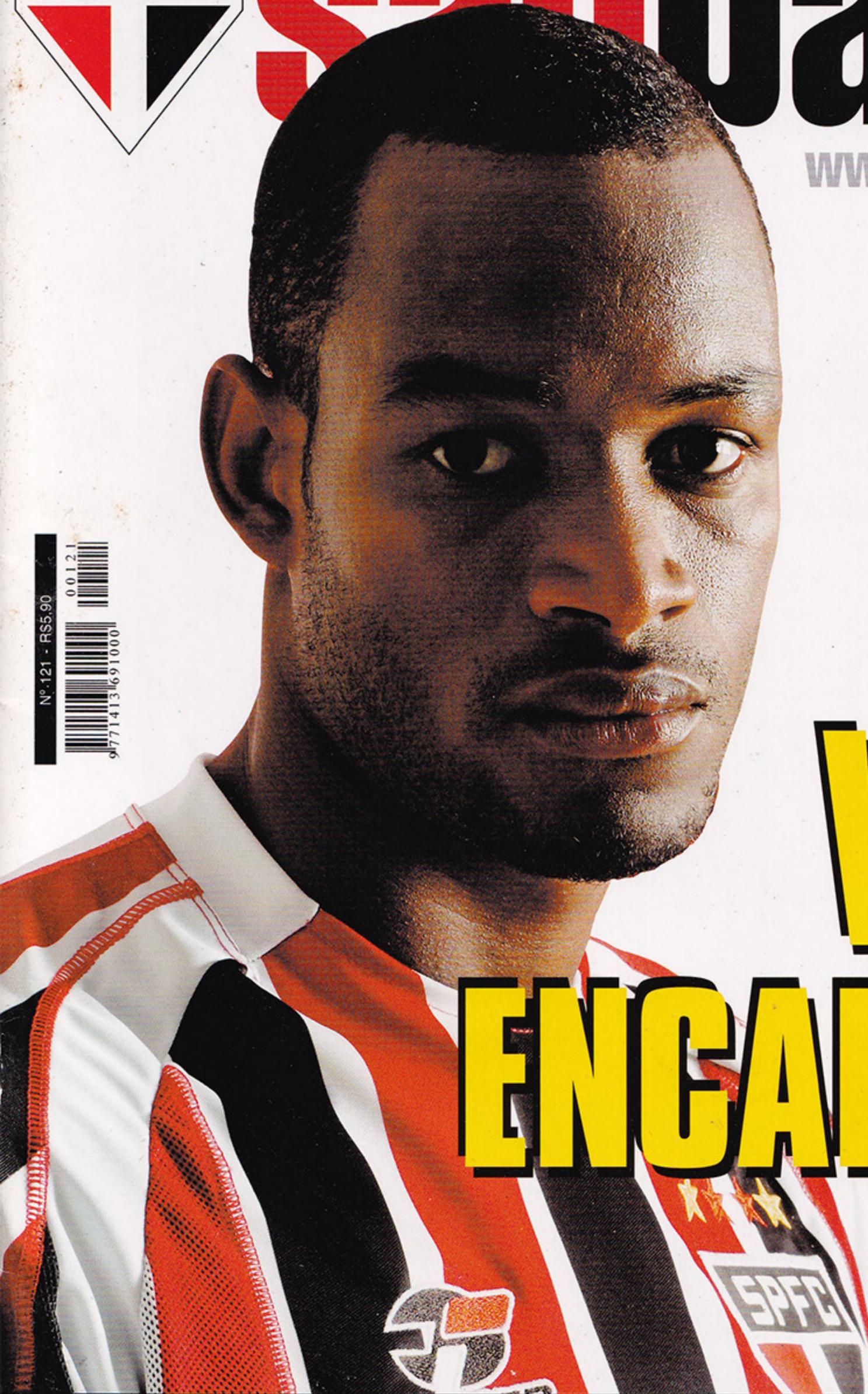
BENEDITO RUY BARBOSA TODA A CATEGORIA DO CRAQUE DAS NOVELAS



a revista oficial do

São Paulo

www.saopaulofc.net



**ESPÍRITO
DE LIDERANÇA**
Os capitães tricolores
que marcaram época

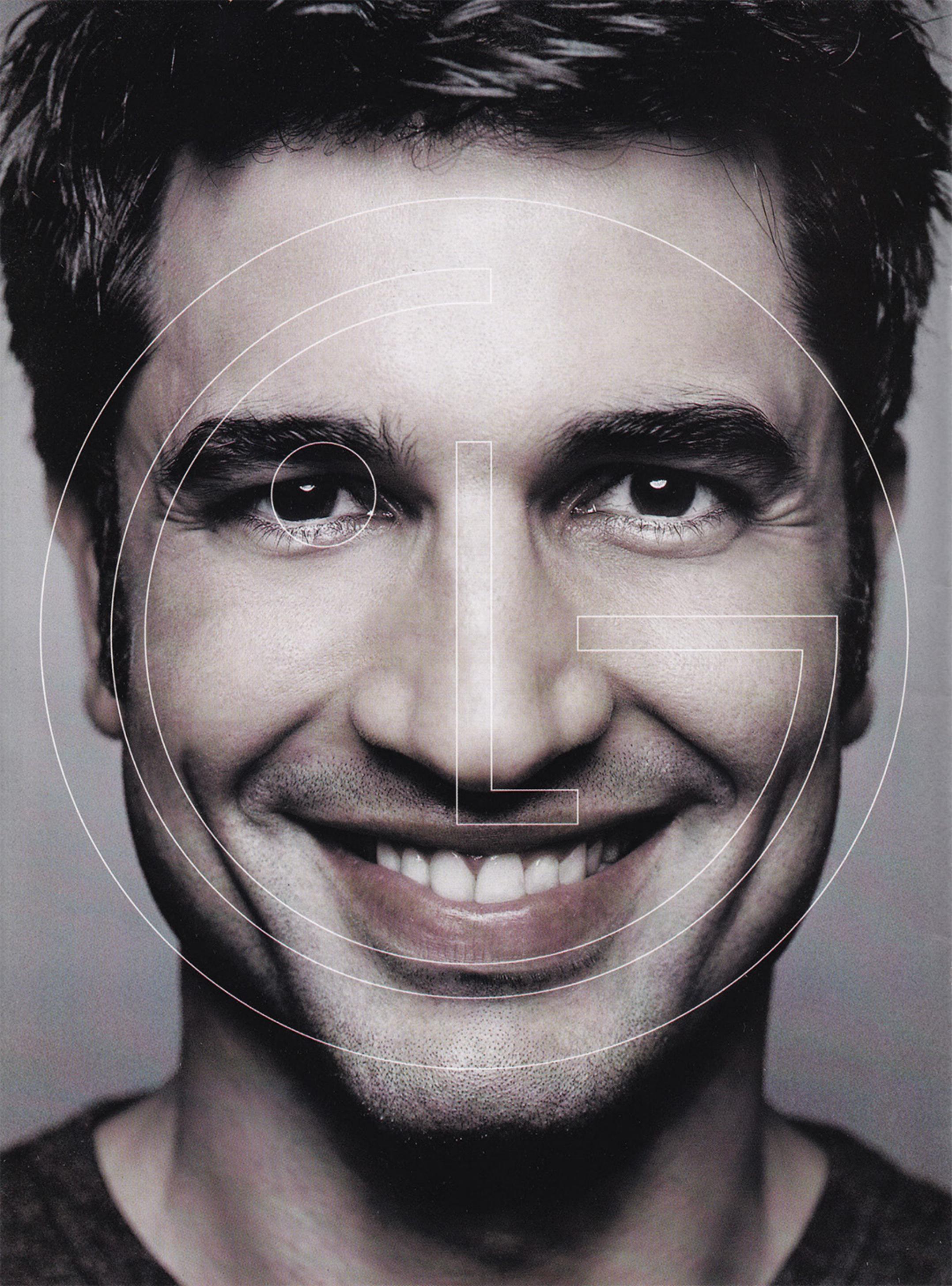
**LEÔNIDAS
DA SILVA**
Um diamante
que nunca morre

Vai ENCARAR?

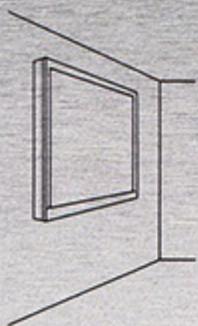
FABÃO,
zagueiro com
faro de gol

Nº 121 - R\$5,90
00121
9771413691000

GRAFITE • CUCA • LIBERTADORES • TABELA DO BRASILEIRÃO 2004



É UMA ESPÉCIE DE TROFÉU.
SÓ QUE EM VEZ DE COLOCAR NA PRATELEIRA,
VOCÊ PÕE NA PAREDE.



Telas de plasma LG. Design inovador e a maior linha do mercado: 40", 42", 50" e 60", a partir de 7,8 cm de espessura. Alta definição de imagem. Formato 4x3 (convencional) e 16x9 (widescreen). Conexão para computador, vídeo, DVD, câmera, games e compatibilidade com TV digital.

www.lge.com.br

LG. DIGITAL POR VOCÊ.



Digitally yours

REVISTA OFICIAL DO SÃO PAULO

Presidente do Conselho Deliberativo
Claudio Aidar

Vice-Presidente do Conselho Deliberativo
Mário Furegati

Presidente do Conselho Consultivo
José Augusto Bastos Neto

Presidente do Conselho Fiscal
Edison Richelmo Zago

Presidente da Diretoria Executiva
Marcelo Figueiredo Portugal Gouvêa

EXPEDIENTE

Jornalista Responsável
Carlos A. Bortole Mtb 29442

Editor
Carlos Mesquita

Secretário de redação
Sergio Luci (textos e produção)

Reportagem
Fernando Savaglia e Adriana Natali

Colunistas

Agnelo Di Lorenzo (arquivo histórico), Paulo Planet Buarque e Guaracy Souza Sampaio

Colaboração

Ana Paula Andrade, Andréa Longue, Cinthia Gagliardi, Dorinho (charge), Francisco Santos, Igor Amorim, Juca Pacheco e Felipe Espíndola

Fotógrafos

Rubens Chiri/Perspectiva e Tatyana Alves

Arte

Celso Andrade, Daniela Salvador, Marco Basile e Rogério C. Macadura

Ouvidor SPFC

José Alfredo Madeira Simões
ouvidor@saopaulofc.net

São Paulo Futebol Clube

Estádio Cícero Pompeu de Toledo
Pça. Roberto Gomes Pedrosa, 01
Cep 05653 - 070
Telefone 0xx11 3749-8000
(Publicação Bimestral)

A Revista Oficial do São Paulo é uma publicação da Diretoria de Comunicações

Edição

HMP Marketing Editorial Ltda
Fone: (0xx11) 3866-2770

Impresso pelo processo direct-to-plate por Prol Indústria Gráfica Ltda



Índice

04 Índice

06 Imagens

Com um gol de Fabão, o Tricolor vence o arqui-rival Corinthians. Que delícia!

08 Entrevista especial

O jornalista Benedito Ruy Barbosa sabe tudo de São Paulo Futebol Clube

12 Antena tricolor

O que jogadores, personalidades e dirigentes andaram falando por aí

14 História

Todos os volantes que vestiram a camisa vermelha, branca e preta

18 Especial

Como alguns capitães do Tricolor do Morumbi se comportavam em campo

22 Grafite

O atacante pede que a torcida

confie na nova equipe do Morumbi

30 Capa

Fabão mostra que fora do campo é um baiano sangue bom

32 Perfil

O técnico Cuca abre o jogo: fala de família e, obviamente, futebol

36 Paixão tricolor

Conheça Paula Formentini, a miss São Paulo

38 Jogo a jogo

As partidas no Paulista 2004, a tabela do Brasileirão e a Libertadores da América

42 Notícias do tricolor

Chuvvas, Copa São Paulo, Epopéia do Morumbi, escolas licenciadas, Leônidas da Silva, Luiz Cássio dos Santos Werneck, Juca Kfourri, os contratados...



Somos medalha de ouro

Finalmente. A Libertadores 2004 iniciou para o São Paulo. E bem. O time ganhou por 2 a 1 do Alianza Lima, do Peru. O resultado, é claro, foi comemorado por todos. Mas a partida teve um sabor especial para Fabão, o defensor que sabe mandar a bola para o fundo das redes. Foi ele quem fez o gol da vitória.

Alexi Stival, o Cuca, assumiu o comando técnico no começo de 2004. Rapidamente, deu sua cara ao time. Por conta do jeito disciplinador e exigente, passou a ser alvo de alguns comentários. Muita gente disse que ele era linha-dura. Chegaram a chamá-lo de carrasco. Mas, ao contrário do que se escutou, nada disso se encaixa ao seu perfil. Cuca é um sujeito tranquilo. Tímido. De fala mansa. Pavio curto (ele próprio admite) apenas para falta de profissionalismo. E ponto final em qualquer polêmica em torno de seu nome.

Da nova safra de contratados, Grafite, um dos destaques do Brasileiro 2003, veio com a incumbência de balançar as redes adversárias. Mas, para estar no lugar que conquistou, poucos sabem que "Dina" driblou obstáculos dentro e fora dos campos. Até chegar ao Morumbi, bairro próximo de Campo Limpo Paulista, onde viveu por muito tempo, viajou do sul ao nordeste do País. Num passo mais ousado, cruzou as fronteiras nacionais. Embarcou para o outro lado do globo. Na Ásia, não se encontrou. Seu destino era voltar para bem perto de sua casa.

Apesar de não ser jogador, Benedito Ruy Barbosa bate um bolão. Numa conversa informal, o jornalista narrou um pouco de sua história de vida. Falou de sua época de jornalista esportivo. Do carinho e respeito que tem pelo Tricolor. De sua família. De seus trabalhos. E de futebol, assunto que domina como se fosse o craque da camisa 10, ou melhor, da 9, pois tem uma (com esse número) personalizada de fazer inveja.

Além disso tudo, há outras reportagens imperdíveis em nossas páginas. Traçamos, com a ajuda de várias fontes, a postura e o tipo de liderança que um capitão deve ter perante o grupo. Ficou demais. Divirta-se pelo mundo vermelho, branco e preto em revista, premiada pelo caderno de esportes do *Jornal da Tarde* de 12 de janeiro com a medalha de ouro.

Editorial

SÃO-PAULINO ATÉ DEBAIXO D'ÁGUA

Caros tricolores, 2004, enfim, começou e já temos bons motivos para acreditar na equipe que montamos. Estreamos na Libertadores da América com uma excelente vitória. Fomos ao Peru e vencemos o Alianza por 2 a 1. No estadual, também seguimos bem. Superamos alguns tradicionais adversários, como Portuguesa e Corinthians, e ainda temos o artilheiro da competição: Luís Fabiano, que foi convocado pela seleção brasileira e continua implacável. Os resultados, obviamente, são bastante animadores. Mas, apesar da qualidade de nosso elenco e do futuro promissor que se esboça, é preciso conter a euforia, afinal queremos títulos. E, para ganhá-los, temos um longo percurso pela frente. Por isso, devemos manter a seriedade. Estamos, entretanto, no caminho certo, o que, neste momento, é o mais importante.

Nossa imensa nação está em luto, pois perdemos dois grandes homens. Leônidas da Silva, craque que vestiu a camisa são-paulina na década de 40, e Luiz Cássio dos Santos Werneck, presidente de nosso Conselho Deliberativo, nos deixaram recentemente. Oferecendo ao clube o que de melhor poderiam fazer, ambos estão guardados na história do São Paulo.

No início de fevereiro, as dependências do Parque Social e do Estádio do Morumbi foram atingidas por uma violenta chuva. Os prejuízos foram grandes. Mas, rapidamente, demos início à recuperação das áreas danificadas. Conseguimos deixar tudo pronto para nossos sócios em oito dias.

Continuaremos, como sempre, nossa luta por mais que os obstáculos pareçam intransponíveis. Estamos fazendo o possível para deixar o São Paulo entre os maiores e, se Deus quiser, conquistaremos todos os nossos objetivos.

E continuem torcendo com paixão pelo nosso clube, afinal SOMOS TODOS SÃO-PAULINOS ATÉ DEBAIXO D'ÁGUA. Boa leitura.

Marcelo Figueiredo Portugal Gouvêa
Presidente



Imagens



FABÃO: ELE SABE USAR (BEM) A CABEÇA

Quinze de fevereiro foi dia de clássico no Morumbi. São Paulo e Corinthians se enfrentaram pelo Paulista. E Fabão mostrou que está em ótima fase. Depois de garantir a vitória do Tricolor na estréia da Libertadores com um gol de cabeça contra o Alianza, o zagueiro repetiu o feito contra o arqui-rival, empurrando-o para a lanterna do campeonato

MMP
ORMÁTIO

"A primeira coisa que fiz na capital paulista foi ver São Paulo e Corinthians. Até chorei quando o Tricolor entrou em campo"

Histórias reais

Craque das novelas, o são-paulino Benedito Ruy Barbosa mostra que também bate um bolão quando o assunto é futebol

FOTOS MARCOS ALVES

Por Carlos Mesquita

Seu nome está intrinsecamente ligado à teledramaturgia nacional. Desde a década de 60, engendra tramas capazes de emocionar pessoas de gerações diversas. Sua estréia nas telas deu-se em 1964 com *Somos Todos Irmãos*. Para ter uma idéia de sua envergadura, é autor de sucessos como *Sinhá Moça*, *Cabocla*, *Imigrantes*, *Pantanal*, *Renascer*, *Rei do Gado*, *Terra Nostra* e *Esperança*. Aos 72 anos de idade, completa 73 em abril, acumula 25 novelas em seu currículo.

Benedito Ruy Barbosa nasceu na cidade de Gália, no interior do Estado de São Paulo. Seu

pai, Otávio Elias Barbosa, era dono de um pequeno jornal. Ao ser questionado certa vez sobre que profissão gostaria de seguir, respondeu qualquer uma. Contudo, foi enfático ao falar que não seria jornalista. Nessa época, queria ser caixeiro-viajante. E de fato foi. Mesmo que por um único e frustrante dia.

Se a vida era difícil, ficou pior quando seu pai, com 29 anos, morreu. Aos 14, ele virou o homem da casa. Com 17, estava em São Paulo batalhando por melhores condições. Trouxe seus quatro irmãos e sua mãe depois de muito suar a camisa. A competência o levou ao cargo de chefe do departamento de

contabilidade da empresa. Graças a seu conhecimento, foi auditor de um banco estrangeiro. Mas o jovem Benedito estava na maior cidade do País, onde havia inúmeros veículos de comunicação e oportunidades de emprego. Por mais que tentasse, não estava imune ao jornalismo, ao menos geneticamente, pois, além do pai, o avô também se dedicou ao ofício da informação. E não deu outra. Embora tivesse estabilidade no ramo dos números, não desperdiçou a chance de ingressar num conceituado jornal. A partir de então, as redações, como ele próprio brinca, passaram a ser sua cachaça. Num primeiro momento, foi revisor de textos do

Estado de São Paulo. Lá, porém, permaneceu pouco. Seu destino era a crônica esportiva, na qual ficou até migrar para a publicidade, quando começou a esboçar histórias que encantariam o Brasil.

Independente do que fizesse, sempre gostou de futebol. Mesmo hoje, Benedito Ruy Barbosa encontra tempo para discutir sobre o esporte de que mais gosta. De sua época de jornalista, conservou o espírito crítico. Nesta entrevista, por exemplo, não esconde o que pensa sobre a parcialidade de alguns repórteres e as arbitragens. Uma personalidade que não poupa é o ex-juiz Armando Marques. "No meu conceito, um dos

piores que vi atuar". No sítio em que mora e escreve suas obras, nunca deixa de torcer por seu clube do coração – no qual ocupa a cadeira de conselheiro vitalício. Pode ser até de forma solitária, mas não é raro fazer dos 90 minutos que duram uma partida um momento especial ao lado de filhos, netos e esposa. Todos, obviamente, são-paulinos.

Quando o senhor começou a escrever novelas?

Foi um caminho comprido. Eu era jornalista e trabalhava muito. Acabei virando redator publicitário. Praticamente, abandonei o jornalismo. Já não tinha tempo para fazer tudo. Fui contratado por uma empresa com exclusividade e fiquei responsável pelas novelas da Colgate-Palmolive. Na realidade, minha obrigação era avaliar as que eles importavam e selecionar as melhores. Por um erro de percurso, coisas do destino, comecei a redigir.

E isso começou em que ano?

Fiz minha primeira novela em 1964, *Somos Todos Irmãos*, adaptada do livro psicografado do Chico Xavier *A Vingança do Judeu*. Foi sucesso nacional. O mais curioso é que, no princípio, não gostava de novela. Era um crítico. Por virem de fora, não tinham nada a ver com nossa realidade. A partir daquela década, passei a me concentrar só na televisão. Foi um trabalho atrás do outro. Não tirava férias. Escrevia sem parar.

Mas o senhor também foi contador?

Em 1942, meu pai morreu com 29 anos de idade. Comecei a trabalhar com 13 e, aos 14, já era o homem da casa. Eu tinha quatro irmãos que mais pareciam meus filhos, apesar de eu ser pequeno. Aquela responsabilidade ficou nas minhas costas. Arrumei um emprego lá em Vera Cruz mesmo numa firma de café. Eu era auxiliar de guarda-livros. A empresa tinha sete filiais. A sede, porém, era em São Paulo. Vim, então, para a capital em 1947 e, em menos de um ano, estava chefiando o departamento de contabilidade. Consegui um salário que não

era grande coisa, mas que permitia respirar. Trouxe minha mãe e meus irmãos em seguida. Todo mundo trabalhava o dia todo e estudava à noite. Foi um sacrifício desgraçado. Mas com perspectiva de futuro, o que não existia no interior. Graças a Deus, todos estudaram e ficaram bem de vida. Na nossa cidade, não havia nem ginásio. Tínhamos de viajar até Marília. E, obviamente, eu não podia fazer isso, pois tinha de me virar. Depois, fui para o Paraná em 1951. A firma me mandou para lá como subgerente de contador de duas de nossas sucursais. Fiquei sediado na de Marialva, mas também cuidava da de Maringá. Lá, vivi o drama da grande geada de 1952, que dizimou os cafezais do norte daquele Estado. Inspirado nas emoções desse acontecimento, escrevi minha primeira peça de teatro. Era um romance. Mas parei na metade. Porque, quando acabou o café, voltei para São Paulo. Cheguei a ser auditor do Banco de Boston graças

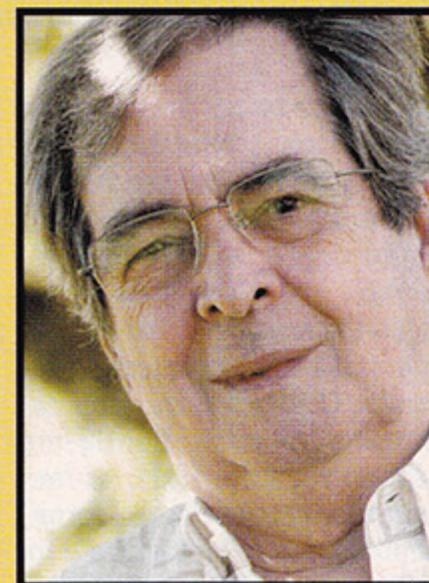
para cuidar das novelas dela. **O senhor imaginava que ali estaria o princípio de uma carreira tão sólida?** Não. As condições de trabalho antigamente não eram, é claro, as de hoje. Se parasse de escrever, por qualquer motivo que fosse, não receberia. Era necessário fazer uma atrás da outra. E tinha de conseguir, já que a disputa era enorme. Só quando a Rede Globo de Televisão entrou no ramo, com Walter Clark e Boni, dentre outros, a história ganhou outros contornos. Fui para lá e, logo na minha primeira novela, percebi que tudo iria ficar diferente. O tipo de pagamento mudou bastante. Ali senti que havia um percurso a ser traçado, mesmo porque eu tinha uma proposta, que era falar do Brasil. Tive esse caminho aberto. Saí da emissora duas vezes. Uma para fazer *Os Imigrantes* e *Pé de Vento* (uma novela esportiva), na Bandeirantes; e outra para escrever *Pantanal*, na extinta TV Manchete. Mais tarde, voltei e es-

me dá tranquilidade para construir minha vida e não entrar naquela angústia de escrever qualquer porcaria. Há tempo para estudar e pesquisar.

Seu pai e seu avô foram jornalistas. Por que o senhor não partiu direto para o jornalismo?

Na verdade, não gostava. Eu era um crítico do jornalismo. A vida do meu pai, e a nossa também, era muito difícil. Ele possuía um jornal, *A Voz de Vera Cruz*, num lugar pobre. Tinha de correr atrás dos credores. Éramos de uma classe média baixa em relação ao resto da cidade, com seus plantadores de café. Mas meu pai era um lutador. Um idealista. Certa vez, disse-lhe que poderia ser qualquer coisa. Menos jornalista. Ele retrucou: "Como você fala isso?". Gostaria de ser caixeiro-viajante. Meu pai ficou escandalizado. E acabei sendo mesmo. Mas por um dia só. A experiência foi terrível. Não vendi nada. Era um negócio que estava começando. Um tipo de plástico

“Como sempre, porém, a imprensa ainda conta com o pendor de alguns. O cara torce descaradamente para o clube e, às vezes, até distorce a verdade do campo por causa dessa paixão”



ao meu conhecimento de contabilidade. Estudei praticamente sozinho os compêndios que comprava. Em 1959, entretanto, transformei aquele começo de texto no espetáculo teatral *Fogo Frio*. Foi um sucesso danado. Ficou um ano em cartaz. Ganhei o prêmio de revelação do ano da APCA. Minha vida começou a se transformar depois disso. Na seqüência, embora já tivesse ido para a publicidade, e estivesse bem, foi por causa do bom êxito de *Fogo Frio* que a Colgate me contratou

tou até hoje.

Qual a principal diferença entre escrever novela hoje e há 40 anos?

Antigamente, redigir novela era estafante e o ganho não era essas coisas, não. Melhorou quando a Globo elaborou o esquema de contratar o autor não por obra mas por tempo. Em três anos, eu tinha a obrigação de fazer duas novelas. Já dava para descansar mais entre uma e outra. Depois, subiu para quatro. Hoje, meu contrato é de sete. Isso

que fedia a bode. O pior é que nem eu acreditava que aquilo pudesse vingar. Cresci e passei a conhecer melhor a vida. Sempre li muito e me interessei por jornalismo. Por que não? Eu estava em São Paulo, onde havia grandes jornais. Tanto que fui fazer o teste no Estadão para ser revisor. Achava que aquela era a via. Mas não era, não. As cabeças brancas que estavam em volta de mim fazendo a correção dos originais me disseram que não era por ali que deveria tri-



"Em dia de jogo, quando meus filhos e meus netos estão em casa, isto aqui vira um inferno"

lhar meu caminho. Saí de lá para começar na *Última Hora*, que tinha acabado de ser fundado, em 1954. Fui chamado pelo então chefe de reportagem, que era um colega meu de colégio. Ele me deu a chance porque sabia que eu queria fazer aquilo. O jornal virou uma cachaca para mim. Sentia-me bem na redação. Aliás, as melhores amizades fiz no jornalismo. Minha primeira tarefa foi a Prova Ciclística 9 de Julho. Eu não entendia nada de bicicleta (*risos*). Mas fui com todo o empenho. E agradei. Na sequência, cobri um jogo entre Nacional e Juventus. Acho que foi alguma coisa assim. Fui ficando. Fiz uma série de reportagens. E, aos poucos, as pessoas foram me chamando. Assim, ampliei meu campo de ação. Cheguei ao ponto de ter vários empregos ao mesmo tempo.

Como era possível conciliar? Tinha acabado de me casar e a vida estava muito difícil. Pagava-se pouco. Para poder sobreviver, trabalhava ao mes-

mo tempo nos jornais *Última Hora*, *Correio Paulistano*, em que fazia a chefia da redação esportiva; *Manchete Esportiva*, *Esporte News* e *Mundo Esportivo*. Além disso, ainda escrevia na revista *Pacaembu*. Saía de casa de manhã, por volta das 7 horas, e voltava de madrugada, geralmente às 2. Chegava a uma redação e não sabia nem o que fazer. Afinal, já tinha passado por quatro (*risos*). Para mim, aquilo foi uma experiência de vida fantástica. Fazia esporte, minha maior paixão, e também polícia e política em algumas ocasiões.

E a paixão pelo São Paulo? Nasci são-paulino. Meu pai era fanático pelo clube. Em 1939, comprou um rádio enorme para os padrões da época. No interior, não era qualquer um que podia ter. Isso ocorreu depois de ele ter vindo a São Paulo assistir à inauguração do Pacaembu. Voltou querendo acompanhar o Campeonato Paulista. Recordo-me dele em

cima do telhado, arriscando-se a cair, instalando uma antena gigante para captar melhor o som. A primeira coisa que fiz na capital paulista foi ver São Paulo e Corinthians. Até chorei quando o Tricolor entrou em campo. Era um timaço. Luizinho, Leônidas, Remo, Pardal, Teixeira, Rui, Bauer e Noronha. Isso não existe mais.

Como é o torcedor Benedito Ruy Barbosa?

Um apaixonado de bom senso. Em dia de jogo, quando meus filhos e meus netos estão em casa, isto aqui vira um inferno. Se alguém chora, falamos para calar a boca. Deixar para depois (*risos*). Todo mundo é são-paulino. Mas vemos a partida brigando, pois há alguns amigos deles que são palmeirenses e corinthianos. Aqui, entretanto, ficam proibidos de abrir a boca. Do contrário, são expulsos do recinto (*risos*). Se gritarem gol, apanham (*mais risos*).

É do tipo que esbraveja com o técnico?

Sempre xingo os juízes.

Como o senhor analisa a arbitragem brasileira?

Um dos mais badalados árbitros do futebol brasileiro chama-se Armando Marques. No meu conceito, um dos piores que vi atuar. Perdi a vontade de acompanhar futebol depois de ver os erros dele, pois sempre mudavam o resultado. Num clássico São Paulo e Corinthians, validou um gol que não existiu. O corintiano chutou e a bola entrou pelo lado de fora por um buraco que havia na rede. O Dias foi reclamar e terminou sendo expulso. Obviamente, o São Paulo perdeu. Além do mais, o Armando Marques era muito prepotente. Mas a imprensa o aplaudia. Não sei por quê. Certa vez, Santos e Portuguesa ficaram com o título do Campeonato Paulista porque ele acabou com a partida e ainda havia pênalti para cobrar. Quando a Portuguesa foi para o vestiário, ninguém do Santos queria voltar. Às vezes, a bola entrava meio metro e ele não dava o gol. Foi terrível. E

tinha birra com o Pelé. Nessa época, eu ainda estava na ativa.

O senhor viu a final da Copa São Paulo de Juniores?

Assisti ao primeiro gol do Corinthians na final. O jogador deles fez uma falta gritante no zagueiro são-paulino. O juiz não marcou nada. O São Paulo perdeu por causa dessa besteira. O resto foi conseqüência.

Como anda a crônica esportiva atual?

A crônica de hoje tem recursos que a do meu tempo não possuía. Cronista só fala bobagem se quiser. A televisão, por exemplo, mostra a ele o que foi e o que não foi. O cara tem tudo mastigado. Como sempre, porém, a imprensa ainda conta com o pendor de alguns. Nem recrimino ninguém por isso. Acho engraçado. O cara torce descaradamente para o clube e, às vezes, até distorce a verdade do campo por causa dessa paixão.

O senhor gostou das contratações do São Paulo para 2004?

Dão esperança. Às vezes, contrata-se um supercraque e não dá certo. Por outro lado, pega-se um cabeça-de-bagre que explode. Existem muitos exemplos dos dois tipos. Com o material humano que o São Paulo tem hoje, acredito ser possível formar um belíssimo time. Não quero dizer que será campeão. Mas a equipe brigará por títulos, coisa que está sempre fazendo.

Qual foi a conquista mais marcante que o senhor acompanhou em campo, de perto?

Foram muitas. Mas uma que me marcou profundamente foi a do Campeonato Paulista de 1957. O time era dirigido por Bella Guttman e contava com Zizinho. O São Paulo ganhou por 3 a 1 do Corinthians numa partida emocionante. Foi a tarde das garrafadas. Havia vidro por todas as partes do campo. Foi terrível. O Tricolor venceu com gols de Canhoteiro, Maurinho e Amauri. Luisinho marcou para os corintianos. Foi fantástico. Nunca vou esquecer. As duas vezes que o São Paulo jogou em Tóquio foram muito marcantes também. Mas não estava lá.

O senhor nunca teve vontade de virar dirigente?

Não tinha tempo para isso. Nem condição física, muito menos financeira. Ser dirigente de clube é um sacrifício que, às vezes, não é reconhecido. Pelo contrário. No São Paulo, conheci os melhores do futebol brasileiro. Laudo Natel, Manoel Raymundo Paes de Almeida, Marcel Castor e Henri Aidar, dentre outros. Depois de alguns anos, vi nascer o Morumbi, fruto da imaginação e da capacidade de pensar desses grandes homens. É importante que não se esqueça deles. Durante 14 anos, fui segundo secretário do conselho do São Paulo. Não perdia uma reunião. Na época, o clu-

be estava empenhado na construção desse maravilhoso estádio que é o Cícero Pompeu de Toledo. Acompanhei tudo muito de perto como jornalista. Até escrevi matérias sobre a construção. Participei da melhor forma que podia. Ofereci meu trabalho na parte de publicidade, por exemplo. Como sou testemunha ocular dessa parte da história do São Paulo, tenho uma admiração por aquela plêiade de homens fantásticos. Era um amor grandioso. Aliás, todos os dirigentes amam o time. Chega a ser uma coisa doentia. Poucos devolvem o que o clube dá a eles. A herança moral deles deve nortear o trabalho de cada diretor que assume um posto de comando.

Aquela cena que iniciou a novela Terra Nostra, da criança que seria jogada ao mar viva, foi inspirada num fato verídico?

Quando fazia *Imigrantes*, recebi uma carta de uma mulher contando que um casal de italianos vinha de lá com uma menina de colo, recém-nascida, e que, na travessia, tinha dado a peste. Por causa disso, jogaram cinco ou seis pessoas no mar. A garota também foi dada por morta. Mas, na hora em que o médico de bordo foi tirá-la dos braços da mãe, a mulher saiu correndo. Desapareceu. Ninguém a achava. Começaram a pensar que ela tinha se jogado na água com a criança. O pai também ficou maluco. Chegaram a trancá-lo no camarim para não fazer besteira. Dois dias depois, o maquinista descobriu que a mulher estava escondida atrás de uns sacos de carvão na casa das máquinas. Ela estava suja, imunda, com cara de desespero e agarrada na criança. Então chamaram o marido, que não queria tirar a menina dos braços da esposa. O comandante foi lá e o fez. Na hora, a criança chorou. A mulher terminou a carta dizendo que eu poderia contar essa história na minha novela porque aquela garota era ela. Guardei aquilo e usei em *Terra Nostra*.

O senhor aceita palpites?

Isso é o que mais tem. Filha, filho, sogra, nora.

Nesse sentido, seu trabalho se parece com o de um técnico de futebol...

Mas sei ouvir, porque não sou dono da verdade. Nunca mudei história por causa de palpite. Muitas vezes, entretanto, uma idéia já ajudou a enriquecer certas situações. Às vezes, começam a falar de um personagem ao qual não estou dando muita atenção. Vou ver o que está acontecendo e percebo que o cara realmente tem alguma coisa. Passo então a valorizá-lo mais. Novela tem começo, meio e fim. Procuo não alterar nada até para não me perder e ser fiel a mim mesmo. Mas, muitas vezes, acontece um acidente de percurso. E tenho de me virar.



“Um dos mais badalados árbitros do futebol brasileiro chama-se Armando Marques. No meu conceito, um dos piores que vi atuar. Perdi a vontade de acompanhar futebol depois de ver os erros dele”

“Tanto o Lugano como o Fabão sabiam que eu estava trabalhando duro para conseguir um lugar no time e agora, se eu jogar, não vai ser diferente, pois saberei que, na minha sombra, estará outro grande jogador querendo o meu lugar. Isso faz a gente treinar em dobro, o que é muito bom para o time”

RODRIGO (no site oficial do São Paulo, em 30 de janeiro)

“Das milhares coisas boas que meu pai me ensinou, por uma devo ser eternamente grato: o fato de eu ser são-paulino. Obrigado, pai”

EDGARD SCANDURRA, guitarrista da banda de rock IRA!, para a Revista Oficial



MÁRIO FERNANDES

“Uma vez disseram que só o zagueiro ‘Borracha’ poderia me anular. Também falaram que me daria bem com o Valdir Papel. Quando eu fizer gol, podem dizer que anotei mais um”

GRAFITE (no Lance! de 5 de fevereiro)



RUBENS CHIRI

“Poxa, até meu dentista veio me perguntar dessa tal cartilha. Mas eu nunca falei sobre cartilha nenhuma! Nunca usei esse termo! As normas que estão sendo implementadas aqui existem em qualquer clube. Então, por que essa repercussão toda? Não entendo! Estão me chamando aí de ditador, de nazista, mas eu não sou nada disso! Eu sou um amigo dos jogadores! Em todos os clubes em que trabalhei, não tem ninguém que fale mal de mim. E eu não quero que ninguém, agora, tome uma imagem errada de mim por essas coisas que estão falando por aí. Eu não sou linha-dura”

CUCA (no Lance! de 4 de fevereiro)

“É uma pena que o futebol brasileiro não é prestigiado. Os atacantes da Europa fazem dez gols e valem 20 milhões. Eu faço quarenta gols aqui e não estou valendo nem 15 milhões”

LUÍS FABIANO (no Jornal da Tarde de 9 de fevereiro) antes de a multa rescisória de seu contrato ser de 20 milhões de dólares

“O Dualibi é um presidente vitorioso, mas vai ficar na história por ter descoberto o Citadini

MARCELO PORTUGAL GOUVÊA (em entrevista ao Jornal da Tarde)

São Paulo no lugar mais alto

Pódio JT
Nossas indicações de tudo que há de bom no mundo do esporte
E-mail: equipe@jt.com.br

<p>Por dentro do Vôlei</p> <p>Os fanáticos por vôlei não podem deixar de acessar o site da CBV (Confederação Brasileira de Voleibol). Lá, os internautas encontrarão informações sobre os campeonatos mais importantes do esporte, sobre a Superliga, principal competição do vôlei brasileiro, e também pode ficar por dentro de tudo o que rola no vôlei de praia</p> <p>www.cbv.com.br</p>	<p>Revista do São Paulo</p> <p>Para os são-paulinos, a revista oficial do São Paulo Futebol Clube é uma boa opção para ficar por dentro do clube. Nela, os torcedores poderão encontrar muitas entrevistas, como a do meia Souza, que terminou 2003 como um dos destaques do time, pôsteres do lateral-esquerdo Fábio Santos e do atacante Diego Tardelli, além dos grupos da Copa Libertadores e a tabela do Campeonato Paulista e muito mais. Está à venda nas bancas</p> <p>Preço sugerido: R\$ 5,90</p>	<p>Capitão do Penta</p> <p>Quem for fã do lateral-direito Cafu, da Roma, já sabe onde encontrar as principais informações do jogador, campeão mundial com a Seleção Brasileira em 2002. No site oficial do jogador, está toda a biografia de Cafu, dados, curiosidades e notícias sobre a Fundação Cafu. Ainda há os principais lances da carreira do lateral, único a disputar três finais seguidas de Copa do Mundo</p> <p>http://www2.uol.com.br/cafu</p>
--	--	---

Edição do caderno de esportes do Jornal da Tarde de 12/02/2004

REPRODUÇÃO

TORCIDA  DA PAZ
LEVANTE ESTA BANDEIRA

UM TIME QUE TEM COMO MASCOTE UM SANTO SÓ PODERIA MESMO INCENTIVAR A PAZ.

Participe da Torcida da Paz e ajude várias entidades de assistência social.

O São Paulo, em parceria com a Federação Paulista de Futebol e o Habib's, acaba de marcar um golaço: Torcida da Paz. E você, como bom são-paulino, não pode ficar de fora dessa. Passe no Habib's, compre sua camiseta da Torcida da Paz e com mais R\$ 4,00 você ganha um vale-ingresso para assistir um jogo no Morumbi. Se preferir, é só consumir R\$ 6,00 no Habib's e com mais R\$ 4,00 também leva um vale-ingresso para os jogos: São Paulo X Sorocaba ou São Paulo X Cabreloa. Parte da renda será revertida para a Fundação Ação Criança e para o Fundo Social de Solidariedade. Participe. E ajude o tricolor a ser sempre assim: forte, grande e, dentre os grandes, o primeiro a incentivar a paz.

R\$ 9,90
camiseta + R\$ 4,00
em dinheiro = **Vale-ingresso**
para um jogo no Morumbi

R\$ 6,00
em consumo + R\$ 4,00
em dinheiro = **Vale-ingresso**
para um jogo no Morumbi

Uma campanha
do São Paulo
Futebol Clube



Apoio:



Federação
Paulista
de Futebol



O Rei de Roma também brilhou com a camisa tricolor

Guardiães da zaga

Com a evolução do futebol, os volantes passaram a ser peças fundamentais nos esquemas táticos e, apesar de às vezes serem tachados de brucutus, vários deles jogaram muita bola pelo Tricolor paulista



Por Fernando Savaglia

Eles surgiram com a adoção de esquemas como o 4-2-4 e, por conta das modificações pelas quais o esporte passou, sua importância foi crescendo cada vez mais. Atualmente, há treinadores que escalam até três ou quatro volantes em seus times.

De acordo com alguns estudiosos, a função desempenhada pelos antigos centralfs - jogadores de meio-de-campo típicos de uma época em que as equipes eram dispostas no 2-3-5 - correspondia à que os volantes exercem no competitivo futebol moderno.

Mas, para entender melhor essa questão, não é necessário mais do que um olhar atento sobre, por exemplo, a maneira como atuavam Sasso e Bauer, respectivamente na década de 30 e 40. É claro que era um jeito diferente do que se conhece hoje.

No Tricolor paulista campeão de 1949, José Carlos Bauer, embora contribuísse na marcação dos atacantes adversários auxiliando Rui - este sim, com características mais defensivas, tinha o dever de resguardar a zaga -, exercia outros papéis.

Apelidado de "O Monstro do Maracanã" (por conta de sua ines-

quecível atuação na Copa do Mundo de 1950), Bauer era um verdadeiro organizador de jogadas na meia-cancha. Já que os dois meias da equipe atuavam bem avançados, apoiando os três atacantes.

Invariavelmente até o início da década de 50, os volantes eram os craques do time. Mas esse fato não quer dizer que, mesmo contando com médios-volantes mais brigadores, o São Paulo não teve verdadeiros artistas da bola durante toda a sua história, como veremos a seguir.

DESTRUINDO COM CLASSE

Nascido no Rio de Janeiro,

Antônio Machado de Oliveira jogou durante cinco anos no São Paulo. Conhecido pelo apelido de Pé de Valsa, recebido em virtude da facilidade com que driblava os adversários, formou a linha média campeã paulista de 53 ao lado de Bauer e Alfredo.

Em 57, o técnico húngaro Bella Guttman implementou o esquema 4-2-4. Dessa maneira, o meio-de-campo passou a ser formado por dois atletas de características diferentes. Um tinha função mais ofensiva e procurava criar as jogadas de ataque - assim nasceu a definição de meia-armador - e o outro ajudava a

Doriva
(número cinco):
importante
participação na
vitória sobre o
Milan no
Interclubes

Toninho Cerezo:
experiência
no bimundial

Edson: raça e
catimba na final do
Paulista de 71

Dino Sani:
intimidade
com a bola

defesa, ditando o ritmo nas saídas de bola da zaga para o ataque. Ou seja, o volante.

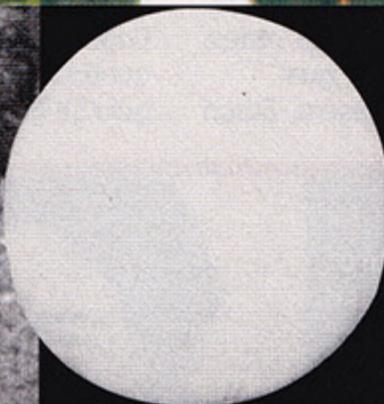
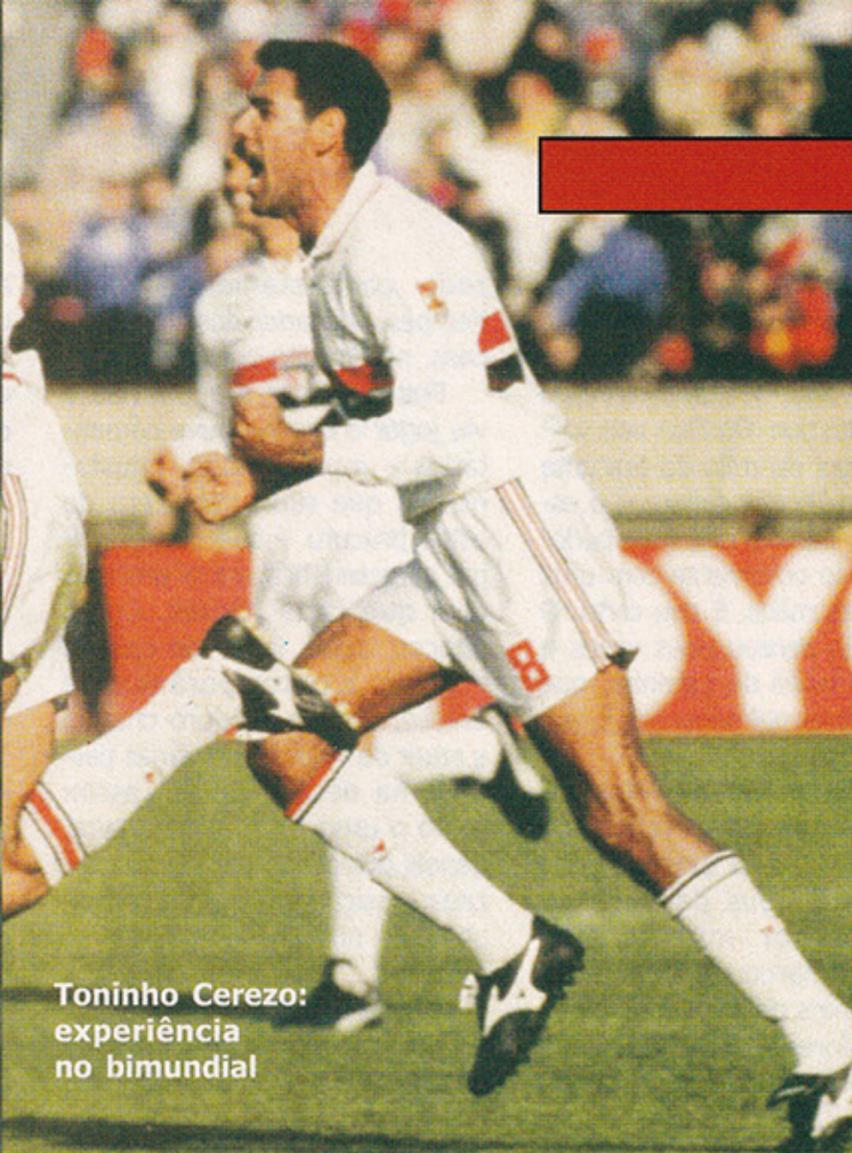
Dino Sani, apesar de meia-atacante de origem, foi o primeiro a atuar nesse esquema. Seu ponto forte era o toque refinado. Além disso, era grande bateredor de faltas. Muitos de seus 81 gols pelo Tricolor foram de cobranças espetaculares.

Ele foi campeão mundial defendendo a seleção brasileira em 58, na Suécia, e vestiu a camisa vermelha, branca e preta por sete anos. Fez sucesso jogando no exterior nos tradicionais Boca Juniors, da Argentina, e Milan,

da Itália. Dino era dono da camisa quatro em vez da clássica número cinco dos volantes que o sucederam.

Roberto Dias Branco, ou simplesmente Dias, iniciou sua carreira nas categorias de base do clube. Sua primeira posição foi a quarta-zaga. Mas também atuava com maestria como médio-volante. Nos anos 60, durante o maior jejum de títulos do Tricolor, foi um dos poucos do elenco a ser unanimidade nas convocações da seleção brasileira.

O próprio Pelé o



História do clube

considerava um de seus melhores marcadores. Em 1971, um enfarte o afastou dos gramados por quase 12 meses. Nessa época, ele tinha 28 anos de idade. Depois de recuperado, transferiu-se para o México em 1973.

Roberto Dias, seja como zagueiro ou médio-volante, é daqueles jogadores que entram fácil na lista dos melhores de todos os tempos do São Paulo.

ATLETAS DE DETERMINAÇÃO E RAÇA

O Tricolor iniciou os anos 70 com o raçudo Edson. O atleta teve participação importante no bicampeonato Paulista de 70/71. Aliás, na decisão de 1971, ocorrida em 27 de junho, o time enfrentou o Palmeiras. Um empate sagraria o São Paulo campeão. Mas, num lance polêmico, o atacante alviverde Leivinha mandou a bola para o fundo das redes, deixando o marcador igual.

Na pura malandragem, Edson

disse ao juiz Armando Marques que o ponta-de-lança teria usado a mão. Como Marques havia acabado de envolver-se numa confusão semelhante num Fla-Flu - pois validou um gol de mão do atacante Wilton, do Tricolor carioca -, o esperto são-paulino não teve pudor em deixá-lo novamente com uma bomba nas mãos. E deu certo. O árbitro não pensou duas vezes e anulou o tento de Leivinha, que os torcedores palmeirenses juram ter sido legítimo.

O sucessor de Edson foi ninguém menos que Francisco Jesuíno Avanzi, o Chicão. Considerado o Deus da Raça do Morumbi por muitos são-paulinos, marcou época como um dos mais destemidos volantes tricolores.

Campeão paulista de 75 e brasileiro de 77, participou da famosa "Batalha de Rosário", pela Copa do Mundo de 1978, na Argentina. Nessa partida, conseguiu se destacar por ter neutrali-

zando completamente Mario Kempes, atacante dos donos da casa, no empate por 0 a 0.

Pode-se dizer a quem não o viu jogar e apenas ouviu comentários - muitos falam, injustamente, que seu futebol era do estilo brucutu - que sua principal característica era a precisão com que fazia passes. Como poucos, sabia jogar de cabeça erguida. Contemporâneo de Chicão, o meia Teodoro chegou a atuar de volante em várias partidas na década de 70, assim como o uruguaio Dario Pereyra, depois deslocado para a quartazaga, posição em que se tornou absoluto nos anos seguintes.

O QUATI E O REI

Um supertime. Não menos que isso era o São Paulo do início dos anos 80. Curiosamente, em meio a tantos craques, como Daryo Pereira, Oscar Bernardi, Renato, Serginho Chulapa, Valdir Perez, Zé Sérgio e Getúlio, apa-

recia o nome de Almir, comprado do Coritiba. Conhecido por Quati, o atleta era discreto e eficiente. Na gíria dos boleiros, poderia ser definido como carregador de pianos. Outro que atuou com a cinco do São Paulo nesse período foi Elvio, que se destacou defendendo a Internacional de Limeira, em 1980.

Quando Falcão, um dos maiores volantes do futebol mundial desembarcou no Morumbi em 1985, Márcio Araújo era o titular. Apesar de bom jogador, o futebol dele não era páreo para a categoria do Rei de Roma, como era chamado Paulo Roberto Falcão nos anos que passou atuando no futebol italiano.

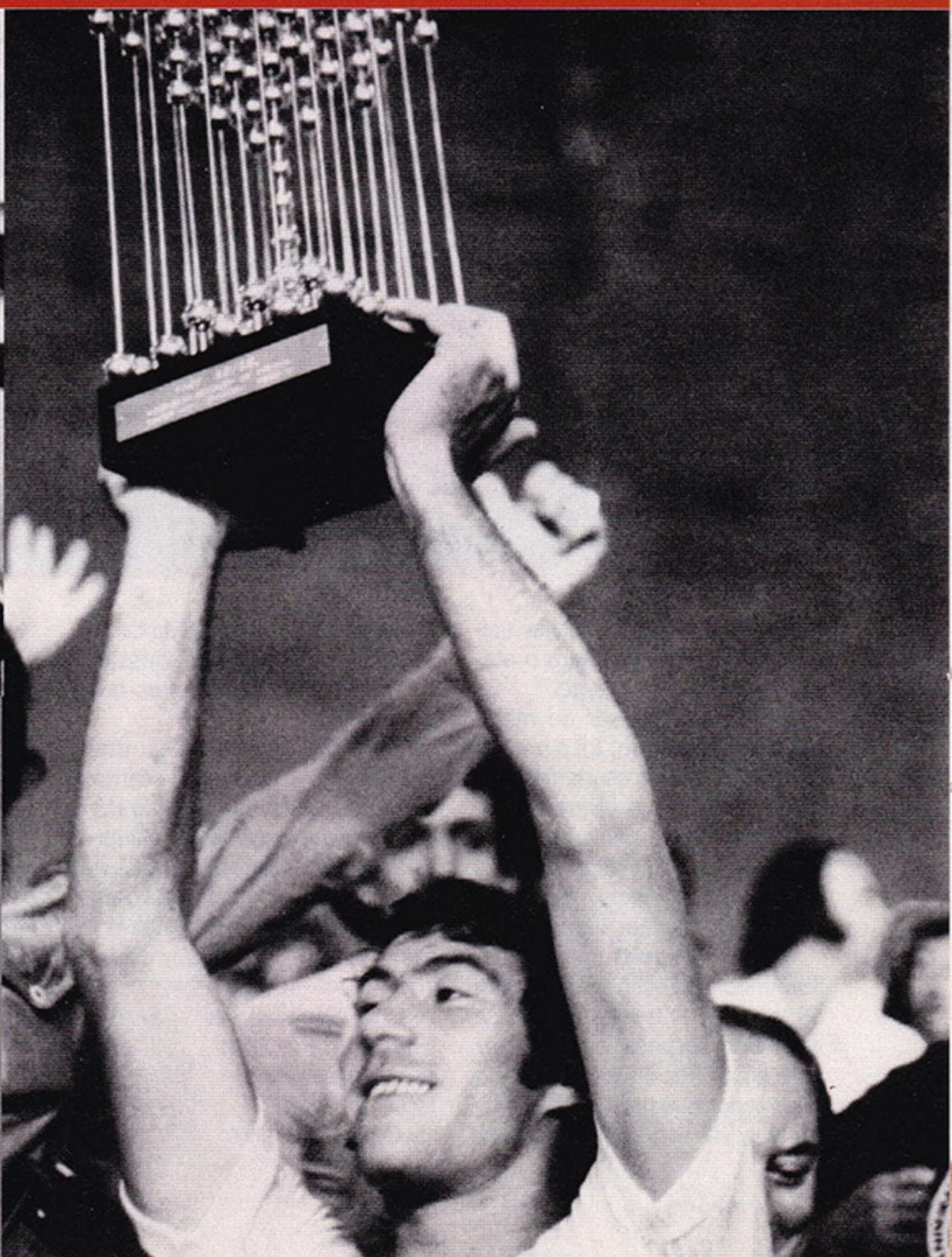
Por causa de um problema no joelho, entretanto, Falcão acabou ficando no banco de reservas em alguns jogos, o que gerou grande polêmica envolvendo o técnico Cilinho, comandante da equipe (apelidada de Menudos do Morumbi) naquele momento.



Teodoro:
voluntarioso



Dias:
ótimo zagueiro,
excelente volante



Considerado o Deus da Raça do Morumbi por muitos são-paulinos, Chicão (levantando a taça do Brasileiro de 77 ao lado) marcou época como um dos mais destemidos volantes tricolores

Ele disputou apenas dez jogos pelo Tricolor. Mas foi o suficiente para deixar seu nome registrado na memória do clube, pois contribuiu, e muito, para a conquista do Paulista de 85.

Já em 86, com Pepe dirigindo o plantel, Bernardo foi a grande aposta na briga pelo título do Brasileiro de 86. Jogador alto e de físico avantajado, fazia muitos gols de cabeça, um deles foi justamente o primeiro do Tricolor na final contra o Guarani pelo nacional. Atuou ainda na equipe campeã paulista de 87 e brasileira de 91. Seu sucessor foi Vizolli, que tinha a combatividade como característica marcante. Ele sagrou-se campeão paulista de 89.

A DÉCADA DAS INESQUECÍVEIS CONQUISTAS

Campeã brasileira de 91 com apenas um volante, a equipe de Telê Santana, seguindo uma ten-

dência natural do 4-4-2, passou a contar com dois cabeças-de-área para auxiliar a defesa. A prática visava fortalecer a marcação do meio-de-campo, liberando ainda mais os laterais para o ataque.

Vindo do Bragantino, Pintado era a própria encarnação da raça. Seu vigor nas disputas de bola deixava os adversários assustados. Além de não ter medo de cara feia, era um grande incentivador. Gritava para elevar o moral do time sempre que necessário.

Em muitas partidas, Pintado fez dupla com Dinho, outro que tinha disposição e valentia de fazer inveja. Juntos, foram campeões paulistas e do Interclubes em 92 e da Libertadores em 93.

Dinho ainda conquistaria o Bicampeonato Mundial em 93, a Supercopa no mesmo ano e a Recopa de 93 e 94. Quando Pintado transferiu-se em 93 para o Cruz Azul, do México, sua vaga foi ocupada por Doriva, que tinha um futebol

muito parecido com o seu.

Veterano consagrado, Antônio Carlos Cerezo chegou para ajudar o jovem grupo a pôr ordem na casa. Apesar de ser volante de origem, jogou como quarto homem de meio-de-campo. Teve duas passagens pelo clube. A primeira durou de setembro de 92 a dezembro de 93 e a segunda, de maio de 95 a janeiro de 96.

Outro veterano que atuou no São Paulo em 94 foi Alemão. Mas seu grande momento no futebol

foi no Napoli de Careca e Maradona, nos anos 80. Na década de 90, defenderiam as camisas cinco e oito Axel e Donizetti, que vieram respectivamente do Santos e do Cruzeiro, além de outros que subiram das categorias de base, como Mona, Sidney, Alexandre e Fábio Simplício. Estes dois últimos atuaram na equipe principal na última temporada se revezando com Carlos Alberto (atualmente no Botafogo - RJ) e Adriano. E ainda fazem parte do elenco.



Bauer:
o eterno "Monstro do Maracanã"

RAIO X DOS MAIORES NOMES DA POSIÇÃO

José Carlos BAUER

Jogos disputados pelo SPFC: 401

Data de entrada: 01/04/43

Data de saída: 25/07/56

Gols marcados pelo SPFC: 18

Títulos conquistados: Campeão Paulista de 45/46/48/49/53

Outro clube: Botafogo de Ribeirão Preto

Antônio Machado de Oliveira - PÉ DE VALSA

Jogos disputados pelo SPFC: 208

Data de entrada: 09/10/51

Data de saída: 15/06/56

Gols marcados pelo SPFC: 10

Título conquistado: Campeão Paulista de 53

Outro clube: Fluminense-RJ (antes do São Paulo)

DINO SANI

Jogos disputados pelo SPFC: 292

Data de entrada: 12/02/54

Data de saída: 1961

Gols marcados pelo SPFC: 81

Título conquistado: Campeão Paulista de 57

Outros clubes: Palmeiras, XV de Jaú, Comercial (SP), Boca Juniors (ARG), Milan (ITA) e Corinthians

Francisco Jesuino Avanzi - CHICÃO

Jogos disputados pelo SPFC: 331

Data de entrada: 28/08/73

Data de saída: 10/01/80

Gols marcados pelo SPFC: 12

Títulos conquistados: Campeão Paulista de 75 e Brasileiro de 77

Outros clubes: XV de Piracicaba, Ponte Preta (antes do São Paulo), Atlético-MG, Santos, Corinthians de Presidente Prudente, Botafogo de Ribeirão Preto e Mogi Mirim

Paulo Roberto FALCÃO

Jogos disputados pelo SPFC: 10

Data de entrada: 19/08/85

Data de saída: 31/07/86

Gol marcado pelo SPFC: 1

Título conquistado: Campeão Paulista de 85

Outros clubes: Internacional de Porto Alegre e Roma (ITA)

Antônio (TONINHO) Carlos CEREZO

Jogos disputados pelo SPFC: 59

Datas de entrada: 08/09/92 e 28/05/95

Datas de saída: 31/12/93 e 03/01/96

Gols marcados pelo SPFC: 6

Títulos conquistados: Campeão Paulista de 92; Libertadores 93; Recopa 93; Supercopa 93 e Bimundial 92/93

Outros clubes: Atlético-MG, Roma (ITA) e Sampdoria (ITA) (antes do SPFC), Paulista de Jundiaí, Cruzeiro e Atlético-MG

Espírito

de liderança



O capitão do time levanta a taça de campeão. Mas também é o responsável por animar a equipe, acalmar os ânimos, intermediar discussões, conversar com o juiz e até passar informações táticas

Por Adriana Natali

Não importa qual é a posição. O fundamental é ser uma referência para os companheiros durante a partida. Essa é basicamente a principal tarefa de um capitão. Alguns chegam a afirmar que o escolhido é o técnico dentro de campo.

Cabe a essa figura incentivar o time ou acalmar os ânimos mais exaltados. É ele quem conversa com o árbitro durante os jogos, especialmente em situações delicadas. Também é sua responsabilidade evitar confrontos internos. Por outro lado, é o primeiro a levantar a taça de campeão.

Segundo Dietmar Samulski, no livro *Psicologia do Esporte – Teoria e Aplicação Prática* (Lapes – UFMG), o fenômeno da liderança mostra algumas funções, como otimização dos processos de interação, organização do grupo para que seja eficaz a solução da tarefa e condução do grupo para

os objetivos planejados.

Endossando essa definição, Ricardo Miúra, psicólogo das categorias de base do São Paulo, acredita que um capitão deve ter preponderância sobre os demais. Para ele, existem dois tipos de líder: o emocional e o técnico. O primeiro consegue integrar o elenco e possui boas relações com os outros atletas. "Ele é procurado para conversar e aconselhar até mesmo nos problemas particulares dos outros jogadores e nas brincadeiras durante os treinos. E consegue criar muita empatia." Já o técnico é o responsável por transmitir as informações do treinador, mantendo um contato amistoso com companheiros, comissão técnica e arbitragem. "Na maioria das vezes, é um meio-campista por estar próximo de todos os setores, mas isso também não impede que ele jogue como zagueiro ou goleiro."

Mesmo assim, Miúra afirma que a posição em que joga o capitão

depende da estratégia de cada treinador, podendo, até mesmo, mudar de acordo com o adversário. "Atacantes costumam incentivar mais o time a ir para frente, enquanto goleiros geralmente têm mais maturidade e equilíbrio. Dependendo da ocasião, o técnico pode optar por esse ou aquele jogador. Isso é muito comum." O livro de Samulski também justifica essa afirmação. "A condição de liderança está relacionada com o processo de interação entre pessoas, que se apresentam com responsabilidades e metas a serem atingidas dentro de uma determinada ação. Nesse processo, deve-se considerar, também, a situação presente."

O psicólogo explica que, se o capitão for um reflexo da equipe, quando houver algum problema maior com ele - por exemplo sua expulsão de campo -, certamente tal fato irá influenciar o grupo. "Se o líder for muito influente e, de re-

rente, não está mais no jogo, os outros atletas podem se sentir perdidos por algum tempo."

NEM SEMPRE AJUDANDO

Por outro lado, Miúra lembra que uma equipe pode ter um líder negativo. Isso ocorre nos casos em que o jogador fala demais, distrai os colegas ou mesmo mostra preguiça durante os treinos, podendo se tornar uma má influência. Para reverter o quadro, o mais indicado é usar a psicologia. Palestras e dinâmicas de grupo são constantes para evitar esse tipo de situação. "Mesmo assim, se um atleta com um comportamento não adequado é escalado como capitão, provavelmente será por motivos técnicos. Em alguns casos, tendo mais responsabilidades, o comportamento pode melhorar."

Marcos César Vizolli, técnico da equipe de juniores do São Paulo, é da opinião de que, para fazer a escolha, é preciso levar em conta

Mauro Ramos de Oliveira:
dentro de campo, comandante
da seleção brasileira no
bimundial no Chile e
do Tricolor durante muito tempo

FOTOS REPRODUÇÃO

RUBENS CHIRI

“Esse é um cargo de confiança
passado pelo treinador. Acredito que
o jogador mais experiente e com
autonomia para falar com os demais
seja um forte candidato

ROGÉRIO CENI

Careca:
a responsabilidade
lhe fez bem

Raí: influência
total sob os
companheiros



Heraldo Luiz Bellini: levantou a Jules Rimet na Copa da Suécia e foi o dono da braçadeira são-paulina por seis anos

TRICOLOR E SELEÇÃO BRASILEIRA

Das cinco vezes que a seleção brasileira conquistou o campeonato mundial, por três o capitão teve uma forte ligação com o São Paulo. Em 1958, Heraldo Luiz Bellini entrou para a história ao levantar, pela primeira vez, a taça Jules Rimet, na Copa da Suécia. Atleta do Vasco da Gama na época, transferiu-se para o Tricolor em 1962, time em que permaneceu como capitão por seis anos. Coincidentemente, no instante em que Bellini assumiu a zaga são-paulina, outro atleta de grande importância para o clube se encarregava de erguer o caneco do bimundial no Chile. Dono de um estilo vistoso e de grande ascendência sobre os companheiros, Mauro Ramos de Oliveira atuou como titular absoluto do São Paulo entre 1948 e 1960. Em 2002, Marcos Evangelista de Moraes, o Cafu, ex-lateral-direito tricolor no início dos anos 90, foi o capitão do selecionado que se sagrou pentacampeão no Japão. **(Fernando Savaglia)**

a disciplina e o controle emocional. "Ele precisa ser respeitado em campo, principalmente perante os colegas. Por isso, não pode ser imposto. Deve ser um líder natural entre todos."

Para ele, sempre há pessoas com essas condições no grupo, seja pelo aspecto técnico ou pela proximidade com os outros jogadores. Para a disputa da última edição da Taça São Paulo, por exemplo, Vizolli teve três boas opções. Matheus, com características mais calmas e equilibradas; Renan, que exerce grande liderança como atleta; ou Marco Antonio, mais experiente por conta de sua participação na seleção brasileira. O goleiro Matheus foi o felizardo.

Ele também diz que, mesmo com várias possibilidades, a decisão é do treinador. "Às vezes, pode-se escolher alguém mais ponderado, como o Oscar, que foi capitão do São Paulo durante muitos anos, ou um atleta mais agressivo, como o Dunga, que foi capitão da seleção brasileira durante a Copa do Mundo de 1994."

Ainda assim, ele aposta na liderança natural. "Na maioria das situações em que o capitão é expulso de campo, a transferência da braçadeira é automática, não precisando do comando do treinador." Vizolli ressalta que o atleta não deve se envaidecer, tornando-se um líder negativo e gerando discórdia.

VANTAGENS E DIFICULDADES

José Oscar Bernardi é do tipo que não vê muitas vantagens em ser capitão. "Não há nada além da satisfação pessoal, do respeito entre os colegas e treinador e de levantar a taça se a equipe for campeã." Segundo ele, a maneira de jogar, o salário e até mesmo as "broncas" são as mesmas, independente de ser ou não.

Dentre as desvantagens do "cargo", Oscar aponta o risco de ser mal-interpretado, podendo se passar por vilão, especialmente, em horas de reivindicações mais complicadas. "Já vi atletas ficarem malvistas pela diretoria por levar adiante pedidos do grupo. Também conheci capitães que tiveram problemas com os companheiros explicando os pontos de vista dos 'cartolas'."

Outra dificuldade que encontrou foi argumentar com o juiz em outro idioma. Além do São Paulo,



Sobrando capitão: Careca foi o escolhido (agachado ao centro) na final do Brasileiro de 86; mas, além dele, Oscar, Gilmar (segundo e terceiro, em pé, da esq. à dir.) e Pita (segundo agachado da dir. à esq.) se revezavam

“A comissão técnica, os jogadores, a torcida e até mesmo a imprensa respeitam mais as opiniões dele. Mas, no Brasil, não faz muita diferença se você é ou não”

OSCAR

ele atuou no Cosmos, de Nova York, entre 85 e 86 – uma verdadeira constelação do futebol mundial. Para o ex-jogador, em qualquer lugar do mundo, o capitão é uma pessoa de confiança do treinador, mas que tem muito mais valor no exterior. “A comissão técnica, os jogadores, a torcida e até mesmo a imprensa respeitam mais as opiniões desse líder. Mas, no Brasil, não faz muita diferença.”

Oscar estava no banco de reservas se recuperando de uma cirurgia no joelho, quando o São Paulo foi campeão brasileiro pela segunda vez, em 1986. Naquela partida, o capitão foi Careca. “Me lembro que o comportamento dele melhorou muito. Ele mostrou muita raça e liderança dentro de campo. Voltou suas energias para esse posto. A escolha por ele foi um pedido do time todo.”

O próprio Careca admite que essas responsabilidades o ajudaram a mudar. “Aprendi muitas coisas durante o período em que fiquei com a braçadeira do Tricolor e depois de outros times. É preciso melhorar sempre e, certamente, essa é uma boa oportunidade.” Ele diz que era brigador dentro de campo e reconhece que, a partir do momento que lhe atribuíram a tarefa, conseguia extravasar toda sua garra perante o time. O ex-

atacante explica que o capitão de uma equipe precisa preparar-se para falar melhor com os colegas, a comissão técnica e até mesmo com a imprensa. “Caso contrário, corre o risco de ser mal-entendido em algumas declarações.”

Careca lembra que, no time campeão brasileiro de 1986, havia um rodízio, pois a equipe tinha muita gente boa, como Pita, Gilmar e o próprio Oscar. Por isso, nunca houve uma disputa pelo “posto”. “Pode até ser que, de vez em quando, rolasse um comentário aqui, outro ali, mas nada que comprometesse a união do grupo. Acho que isso era mais por vaidade mesmo.”

NEM SEMPRE NECESSÁRIO

Já o técnico Rubens Minelli, treinador que conquistou o primeiro

título nacional para o São Paulo, não é adepto da ideia dos capitães. “Pode ajudar bastante o técnico, mas também pode prejudicar. Por isso, prefiro um contato direto com cada um. Conversar e passar orientações individuais costuma ser mais proveitoso.”

Como é inevitável ter um, Minelli aposta na escolha natural. “Ele precisa mostrar ascendência sobre o resto do grupo. Não adianta fazer isso apenas diante da imprensa, se, entre os colegas, não consegue o respeito necessário.” Por esse motivo, aponta o equilíbrio emocional e a ponderação para reivindicar ou discutir assuntos importantes como as principais características de um capitão.

Responsável por levantar a taça do primeiro Mundial Interclubes do Tricolor, o meia Raí tornou-se um dos símbolos da equipe no começo da década de 90, quando vários títulos consagraram a agremiação do Morumbi. Dentro e fora dos gramados, ficava nítida a influência dele perante seus companheiros.

GOLEIRO, ARTILHEIRO E CAPITÃO

O atual capitão do São Paulo é ninguém menos que Rogério Ceni. Com uma visão ampla de jogo, o

goleiro consegue manter o sangue frio durante os momentos mais nervosos. Pelo fato de estar longe das confusões que costumam acontecer no meio-de-campo, o arqueiro usa uma boa dose de experiência e ponderação para manter os ânimos dentro de um limite tolerável pelos adversários. Dessa forma, evita, muitas vezes, grandes confusões. “Esse é um cargo de confiança passado pelo treinador. Acredito que o jogador mais experiente e com autonomia para falar com os demais seja um forte candidato.”

Sua influência no grupo também se deve ao fato de estar sempre em contato com os atletas de linha, tanto com zagueiros quanto com atacantes para treinar cobranças de faltas, uma de suas marcas registradas. Ele afirma que a superexposição perante a arbitragem, a imprensa e a torcida é uma das maiores dificuldades. “Isso aumenta a cobrança em cima de você, mas não chega a ser um problema”, garante.

“Aprendi muitas coisas durante o período em que fiquei com a braçadeira do Tricolor e depois de outros times. É preciso melhorar sempre e, certamente, essa é uma boa oportunidade”

CARECA

O PRÉDILETO

APÓS VENDER SACOS DE LIXO POR OITO ANOS E SUPERAR ALGUMAS DESILUSÕES COM O ESPORTE, GRAFITE HOJE É UM DOS DESTAQUES DO FUTEBOL BRASILEIRO



Temporada 2004: o atleta é uma das promessas do jovem time são-paulino

Por Sergio Luci

Grafite é um jogador versátil, veloz, determinado e com boa explosão muscular. Em 2003, foi um dos principais responsáveis pela ascensão do Goiás no campeonato nacional. Mas, em um passado não muito distante, esse mesmo rapaz era simplesmente Dina.

Edinaldo Batista Libânio nasceu em 2 de abril de 1979, em Jundiaí. Na infância, viveu em Campo Limpo Paulista e, para auxiliar no orçamento familiar, começou a trabalhar na adolescência. Até os 21 anos, vendeu sacos de lixo. No princípio, aventurava-se somente na sua própria cidade. Depois, passou a tentar a sorte em municípios vizinhos. Acorrava cedo para ir a Limeira, Jundiaí, Campinas e Piracicaba. Lucrava entre R\$ 200 e R\$ 250 por semana. Às vezes, seus rendimentos superavam os R\$ 300. Nos momentos de crise, contudo, não conseguia sequer um real.

Por mais cansado que estivesse, jamais deixou de praticar seu hobby favorito. Todas as noites, dirigia-se à quadra do Sport Clube Internacional de Campo Limpo Paulista para bater uma bola. Durante o tempo que jogou ali, cinco anos, disputou os Campeonatos Metropolitanos e Paulista. Além disso, ainda reservava energia para o fim de semana, pois atuava nos campos da várzea defendendo as cores do Tererê - equipe formada por amigos do bairro.

O talento do garoto despertou o interesse dos selecionados de Jundiaí e Várzea Paulista. Para dispor de sua habilidade, os times arcaram com seu salário, na realidade uma pequena ajuda de custo. "Quando não recebia dinheiro, eles me davam cesta básica. Às vezes, ganhava até fraldas, porque minha filha tinha acabado de nascer."

AS PRIMEIRAS FRUSTRAÇÕES

Dina então começou a cavar seu espaço em clubes profissionais. O princípio, porém, foi de desilusões. Numa peneira no

Guarani de Campinas, não foi bem. Já no Etti Jundiaí (atual Paulista), mostrou sua intimidade com a bola e foi aprovado. Antes de treinar, entretanto, foi informado que não ficaria, porque a pessoa que o encaminhara pediu um alto valor por seus direitos federativos: R\$ 30 mil. A diretoria não bancou a oferta e o garoto retornou.

Algum tempo se passou e mais uma porta se abriu. Dessa vez, no Juventus, time do bairro da Mooca, zona leste de São Paulo. Depois de duas semanas realizando testes diários e marcando muitos gols, o menino finalmente assinaria contrato. Mas, na semana em que fecharia o acordo, o treinador foi mandado embora. Com a chegada do novo comandante, sua permanência era incerta. Juntamente com o técnico, vieram outros jogadores. E sobravam atletas. Dina de fato foi dispensado. Restava-lhe voltar para casa e batalhar. Desiludido, já não pensava em seguir a carreira. Afinal, precisava sustentar a filha e ajudar a família com seu trabalho.

Para manter o equilíbrio emocional, sempre teve o apoio de uma pessoa especial: seu pai, o Sr. Odair. Mesmo sabendo que o dinheiro do filho era indispensável ao orçamento da casa (quando participava de processos de seleção, Dina deixava de colaborar), seu Odair nunca se opôs ao sonho. "Sempre contei com o total apoio da minha família. Tive uma educação fantástica. Se hoje sou o Grafite do São Paulo, devo muito a meu pai."

A LUZ NO FIM DO TÚNEL

Quando estava com 20 anos e quase desistindo em definitivo, a esperança reapareceu. Em sua própria cidade, em 2000, nasceu o Sport Clube Campo Limpo Paulista, que jogaria a Quinta Divisão do regional. O valor que lhe ofereceram, algo em torno de R\$ 300 mensais, era o que ganhava por semana. Os amigos, porém, disseram que ele não deveria pensar no dinheiro. E,



Diante da Portuguesa: o primeiro gol pelo Tricolor

CHUTANDO DE PRIMEIRA

Cinema - Homens de Honra

MÚSICA - PAGODE E SAMBA

SPFC - Tudo

Brasil - Nosso país, nossa casa

Bebidas - Coca-cola e água

DIVERSÃO - ESTAR COM MINHA FAMÍLIA

Sonho - Seleção brasileira

Frustração - Nenhuma

MULHER - MINHA ESPOSA

Homem - Eu

Vitória - Viver

Alegria - Nascimento de minhas filhas

SER CAMPEÃO COM O SPFC - TUDO DE BOM

“ Sempre gostei do São Paulo. Quando o time foi campeão brasileiro em 1991 e ganhei a camisa de um amigo, virei torcedor fanático ”

COM A BOLA CHEIA

Em 2003, Grafite recebeu o prêmio Bola de Prata da revista *Placar* por seu desempenho no Campeonato Brasileiro. Além disso, o jogador ficou na terceira colocação na disputa pela Bola de Ouro.



Concorrido:
sessão
de autógrafos
no CCT

sim, no seu futuro. Por serem vizinhos de rua, haviam crescido com ele e sabiam de seu potencial.

Certo dia, após receber muitos incentivos, o menino marcou com um vereador da cidade um treino no clube, ao qual não compareceu. Mas o político foi buscá-lo em casa para levá-lo a Gerson Sodré, técnico da equipe na época.

Chegando lá, Dina foi logo calçando as chuteiras. Em campo, destruiu: marcou três gols.

Admirada, a diretoria lhe fez uma proposta.

Naquele ano, a campanha do Sport Clube Campo Limpo Paulista foi regular. Ao

contrário dos companheiros, Dina demonstrou competência e balançou as redes 16 vezes. Graças à sua belíssima desenvoltura na temporada, adquiriu o respeito e a confiança dos dirigentes, que o mantiveram no clube. Mas o elenco inteiro foi demitido.

Antes de 2000 terminar,

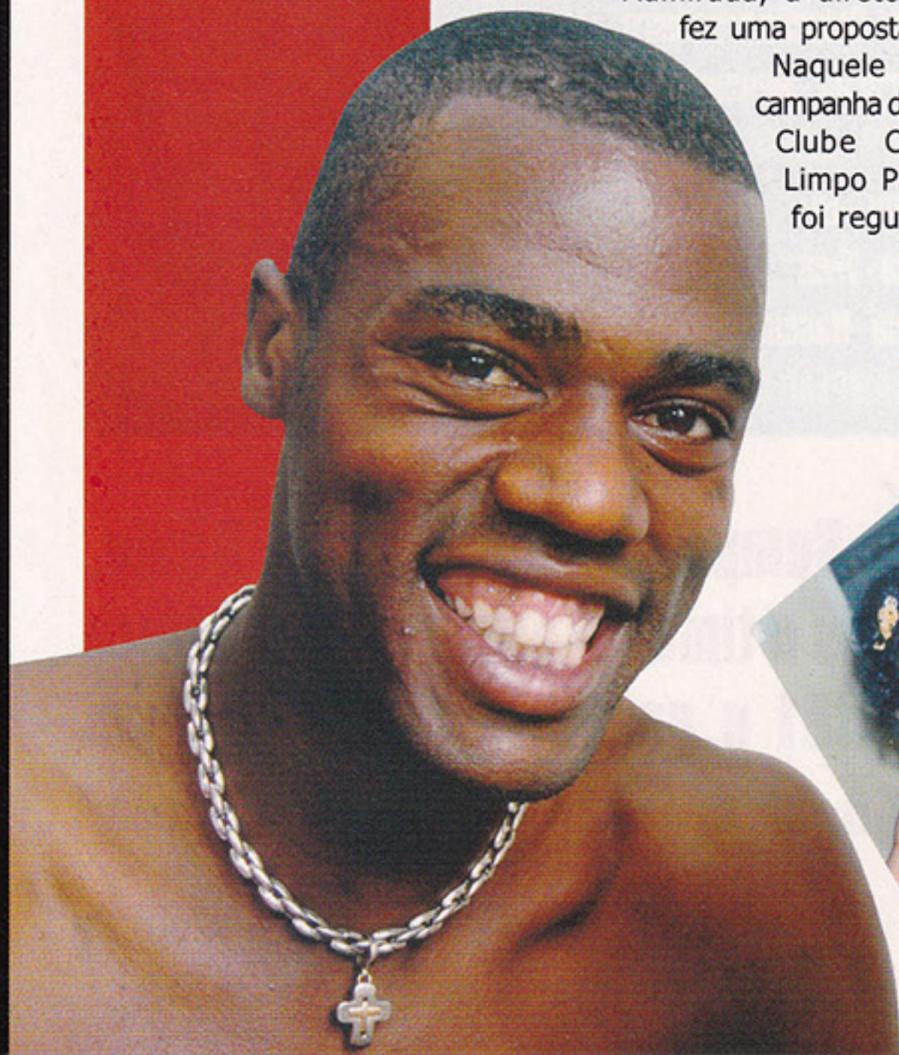
Gerson Sodré entrou em contato com Estevam Soares – então treinador da Matonense – e comentou sobre as qualidades do menino. Dina foi para Matão disputar o Paulistão. Nesse momento, virou Grafite, apelido que recebeu do próprio Estevam Soares. Em abril, assim que o time foi eliminado da competição, foi para Araraquara, onde atuou pela Ferroviária no Paulista da série B1B.

A PEREGRINAÇÃO

As boas atuações renderam algumas sondagens. O Santa Cruz-PE chegou na frente e o contratou para a disputa do Brasileiro de 2001. A equipe pernambucana, entretanto, caiu para a divisão de acesso. Mas Grafite se manteve em alta e despertou o interesse do Grêmio-RS, que adquiriu seus direitos federativos.

Em 2002, Grafite estava ansioso porque iria participar da Libertadores da América. Por uma ironia do destino, porém, contundiou-se e ficou longe dos gramados. Sequer foi relacionado para as partidas. Na sequência, retornou ao Santa Cruz-PE com a missão de pôr o clube na elite do futebol nacional.

“Pude contar com o apoio da minha família. Tive uma educação fantástica. Se hoje sou o Grafite do São Paulo, devo muito ao meu pai”



Bem na foto: com as três “pequenas mulheres” de sua vida



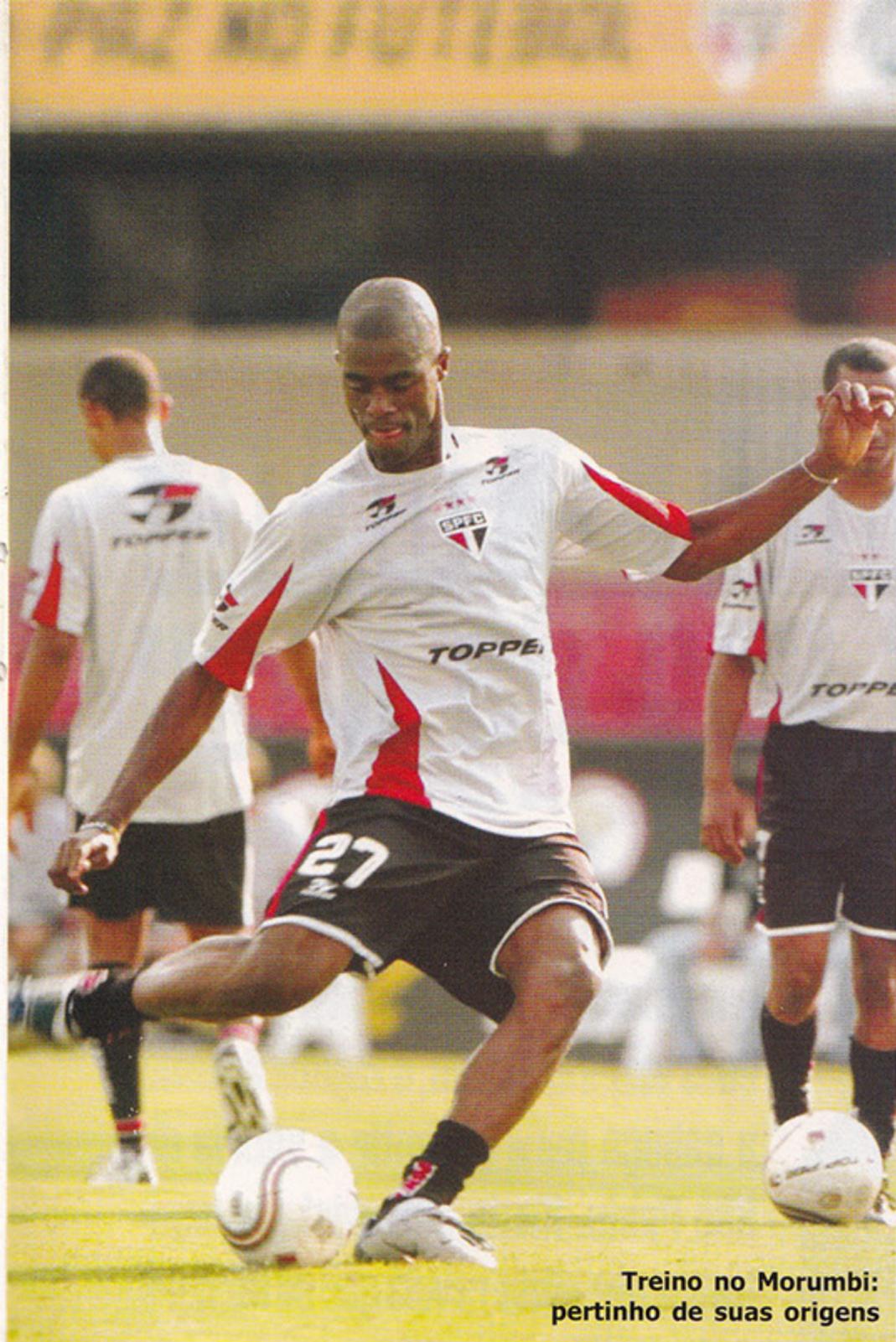
Cicinho



Grafitite







Treino no Morumbi:
pertinho de suas origens

O atleta atuou em 15 partidas e fez 12 gols. Mesmo assim, o time permaneceu na série B. A excelente fase o levou à Coreia do Sul. A vida no continente asiático não foi das melhores. O jundiaense não conseguiu se adaptar aos costumes da região nem agradar ao treinador. Terminou afastado.

A VOLTA AO BRASIL E A CHEGADA AO SÃO PAULO

Certo dia, seu celular tocou. Do outro lado da linha, alguém perguntou se ele queria retornar ao Brasil. A voz era de Cuca, que estava no Goiás. O treinador já havia observado o futebol de Grafite. Feliz com o convite, o jogador aceitou. Na equipe goiana, percebeu que a situação era complicada. O clube estava em último lugar no Campeonato Brasileiro de 2003, oito pontos atrás do penúltimo colocado. O atleta aguardou a oportu-

nidade e estreou bem contra o Vasco da Gama. O time ganhou por 3 a 1 e iniciou uma sequência de vitórias. Ao término da competição, Grafite acumulou 12 gols e ajudou Dimba, seu companheiro de ataque, a ser o artilheiro, com 31.

Ele já não era uma promessa. Transformou-se numa grata realidade. Recebeu propostas de Santos, Corinthians e São Caetano. Mas, na hora da decisão, o coração tricolor bateu mais forte. Seu destino era defender o São Paulo. Desembarcou no Morumbi a fim de vestir a camisa pela qual torceu durante anos. "Sempre gostei do São Paulo. Quando o time foi campeão brasileiro em 1991 e ganhei a camisa de um amigo, virei torcedor fanático", relembra. Ao lado de Luís Fabiano, ele tem agora a responsabilidade de estufar as redes muitas vezes na Libertadores da América 2004.

BATE-BOLA COM GRAFITE

Você retornou à cidade que o projetou para o futebol e, coincidentemente, para muito perto de seu primeiro time profissional, o Sport Clube Campo Limpo Paulista. O que pensa disso?

É complicado. Hoje, é muito difícil um atleta sair de uma equipe do interior e conseguir se firmar em um clube de ponta. Muitas vezes, precisa jogar fora do país para conseguir se valorizar. Às vezes, pode vir no anonimato, realizar um teste e se destacar. É o caso do Diego Tardelli. Mas isso é exceção. Me sinto privilegiado, pois me profissionalizei com 20 anos e estou aqui.

Quais são as diferenças entre jogar com Luís Fabiano e Dimba?

O Luís Fabiano sai um pouco mais da área. Quando a bola não chega, ele cai pelas laterais ou recua até o meio para buscar o jogo. É mais versátil.

O temperamento de Luís Fabiano é explosivo. Isso pode atrapalhar o rendimento de vocês?

De maneira alguma. O Luís Fabiano está sempre querendo vencer. Quando erra ou quando a bola não chega, ele se enerva. Também sou assim. Aparecendo as oportunidades, ficaremos calmos.

A pressão no São Paulo é muito maior do que nas equipes em que atuou. Esse fato o incomoda?

Estou tranquilo. No dia da apresentação, percebi que as coisas seriam diferentes. Sempre soube que a mídia foca mais São Paulo e Rio de Janeiro. Se jogar bem, serei elogiado. Mas, se não conseguir desempenhar um bom papel, estarei preparado para o bombardeio da imprensa. Vou assimilar as críticas e tentar me corrigir.

Mas, até por jogar no eixo Rio-São Paulo, aumentam suas chances de ser convocado pela seleção brasileira...

Em São Paulo, o caminho para chegar à seleção é bem mais curto do que em outras regiões. Hoje, Belo Horizonte está em evidência por causa do título cruzeirense. Mas, com certeza, as minhas chances são bem maiores aqui. Espero fazer uma boa temporada e, quem sabe, conseguir uma convocação.

Quem são os grandes jogadores da atualidade?

Os melhores jogadores brasileiros na atualidade são o Ronaldo e o Ronaldinho, além do Luís Fabiano.

Como surgiu seu apelido?

Em 2001, quando estava na Matonense, fui comandado por Estevam Soares. Nos treinos, ele me chamava de Grafite. No início, nem sabia que era comigo. Um dia, ele me deu um tapa na cabeça. Disse que era para eu ficar mais ligado. Tentei pedir que me chamasse de Dina, pois sempre foi meu apelido. Ele riu e falou que era muito meigo. Ainda por cima, brincou comigo e afirmou que, com aquele apelido, eu não iria vingar na profissão. Quando fomos disputar o Paulista, a minha camisa veio com o número 18. No lugar do meu nome, estava escrito Grafite. O Estevam Soares revelou que eu era muito parecido com um atleta que havia jogado com ele, cujo apelido era esse também.

Já deu tempo de descobrir coisas legais para fazer na concentração?

Tenho um DVD com alguns gols do Ronaldo que fico vendo.

Mande seu recado para os torcedores.

Os torcedores precisam ser pacientes. Independente de qualquer coisa, sempre lutarei dentro de campo. Seja na vitória ou na derrota.



Duas caras: descontraído em casa, mas sério com a camisa tricolor

“Sou negrão, alto e forte. Mas sou da paz”

Em pouco tempo, Fabão mostrou que não entende apenas de evitar gols. Por duas vezes seguidas, o zagueirão usou a cabeça para garantir a vitória do São Paulo. Nesta entrevista, o bem-humorado atleta revela que só faz cara de bravo quando está em campo, pois fora é tranquilo e brincalhão

Por Carlos Mesquita

O Tricolor conseguiu uma importante vitória contra o Alianza, do Peru, na estréia da Libertadores da América. Pelo Paulista, na seqüência, o time ganhou do arqui-rival Corinthians. Em ambos os jogos, surpreendentemente, o protagonista foi um jogador da zaga. Fabão marcou os gols que levaram o time aos bons resultados. No momento certo, lá estava ele para testar e mandar a bola para o fundo das redes. Com sua impulsão, uma das melhores de todo o elenco, e sua estatura, 1,87m, fez o segundo tento são-paulino, do placar de 2 a 1 sobre os peruanos, e o único contra os alvinegros.

O baiano Fabão é carismático, do tipo que tem o riso frouxo. Entre os colegas, está sempre brincando. Mas nunca perde a seriedade. Trabalha

forte na piscina, no campo e na sala de musculação. Ao chegar ao São Paulo Futebol Clube, venceu o duelo com o uruguaio Diego Lugano, outro excelente atleta, pela posição. Com Rodrigo, formou uma dupla de zaga que está agradando à torcida. Deixou sua condição de titular escapar apenas uma vez - pelo fato de ter sido expulso, segundo ele próprio, de maneira injusta. Envolveu-se numa briga com um torcedor da Portuguesa. Mas garante que está com a consciência limpa e pronto para continuar ajudando o Tricolor na busca por títulos.

Como foi sua passagem pela Gávea?

Foi boa demais. Fazia muito tempo que o Flamengo não ganhava título. Lá, graças a Deus, fui bicampeão estadual e campeão da Mercosul.

A torcida pegava muito no seu pé?

Os torcedores queriam ver o time ganhando. Se a equipe vencida, estávamos no céu. Se perdia, estávamos no inferno (*risos*). Passei três anos na Gávea.

Depois, qual foi seu destino?

Fui para o Betis, da Espanha, que estava disputando a Segunda Divisão, que é muito forte. Conseguimos pôr o time na primeira. Na seqüência, fui para o Córdoba. Depois, voltei para o Betis. Houve um problema e consegui pegar meu passe. Lá, só podem jogar três estrangeiros. Eu era o quarto. Além disso, a diretoria não ia muito com a minha cara (*risos*). Voltei para o Brasil. Mas foi bom demais ter jogado na Europa. No total, fiquei uma temporada em cada uma das equipes.

Em que aspectos essa estada na Europa foi importante para você?

Como zagueiro, aprendi muito sobre posicionamento na área. Havia um treino exclusivo para a parte defensiva, assim como para os jogadores de meio-campo e os atacantes.

É por isso que você está sempre no lugar certo?

Às vezes, é preciso olhar a jogada. Em cruzamento, geralmente de falta, fica um cara na frente que tira uma casquinha da bola. Ela, então, vai parar no segundo pau. Quando estou no primeiro poste, e vejo que não vai dar, corro para o segundo.

Você voltou ao Brasil direto para o Goiás?

Cheguei em 2002 ao Goiás e fiquei um ano e meio lá. O time estava quase na lanterna. Mas demos um salto importante. Foi muito bom. Em 2003, começamos mal apesar de o time estar bem. A equipe não dava sorte. A bola batia na trave, apareciam dez oportunidades, mas não

marcávamos e, quando o adversário atacava, fazia gol. Mas, depois, nos recuperamos.

O que representa para você defender o São Paulo?

Defender o São Paulo é como estar na seleção brasileira. Este clube pode me levar a muitos lugares. É por isso que tenho de honrar essa camisa. Defendê-la como posso. Vou fazer meu melhor.

“Não fiz nada. Tomei uma cotovelada e um soco naquele lugar. Mas o juiz acabou me expulsando”

Não é muito comum zagueiro fazer gol e você marcou em momentos em que o time mais necessitava. O que está acontecendo?

Primeiramente, acredito muito em Deus e destino. É claro que há o fator trabalho. Aqui, tenho treinado finalização, bola alçada à área, chute a gol. E a bola está entrando.

As suas duas maiores responsabilidades hoje são fazer e evitar gols?

Nem sempre vou marcar. Afinal, minha responsabilidade maior é defender. Mas, quando vou para a área, tento fazer o meu. Corro para lá como se fosse atrás de um prato de comida (risos).

Qual é o segredo para cabecear bem?

O Cuca ensina bastante sobre isso. Às vezes, não é preciso pôr força na hora de testar. Basta parar a cabeça e deixar a bola bater. Assim, é possível colocá-la no lugar que quiser.

Ser um dos homens de confiança do Cuca o ajudou a se dar bem aqui mais rapidamente do que se imaginava?

O Cuca me ajudou bastante. No Goiás, ele sempre conversava comigo. Apesar de termos nos conhecido há pouco tempo, peguei bastante confiança nele. Mas, aqui no São Paulo, já havia um bom clima quando cheguei.

Mas você teve de brigar com o Lugano.

Mesmo se não estivesse no time titular, eu iria dar a maior

força ao Lugano, ao Rodrigo e ao Edcarlos. Acho que o jogador, quando está no banco, não pode ficar mole e não querer mais nada. Tem de trabalhar e esperar a oportunidade. E quem está jogando tem de ajudar o companheiro.

A premiação que o Cuca vem fazendo tem dado mais ânimo à galera?

Dá bastante. Mas vai melhorar muito quando passar a ser um carro (risos). Daí a molecada vai voar em campo.

Você é do tipo que dá chutão sem pudor?

Quando posso sair jogando, faço na boa. Mas, quando aperta, dou de bico mesmo. Sempre comento que o Baresi, que foi o melhor zagueiro do mundo, dava de bico. Então por que não vou dar (risos)?

Já tem gente comparando você ao Ronaldão. O que pensa disso?

Essa comparação é boa. Ele foi ídolo da torcida do São Paulo. Não foi qualquer um. Foi uma pessoa importante. Sempre quando olho os pôsteres dos times campeões do mundo do São Paulo, fico bastante alegre quando o vejo na foto. Quem sabe o Fabão não aparece numa dessas (risos).

O gol de empate do Alianza aconteceu de uma falha do sistema defensivo do São Paulo. O que aconteceu?

As pessoas falam que a zaga tomou gol. Mas, se todo mundo parar e analisar, ficou quase o time inteiro dentro da área.

No final do jogo contra o Corinthians, você quase falhou. Deu aquela dor de barriga?

Naquela hora, eu estava pedindo a Deus que não acontecesse nada. Todo mundo fala que uma partida de futebol dura 90 minutos. Mas acho que é um pouquinho mais, porque rolam, muitas vezes, os acréscimos do juiz. Um jogo pode chegar a 94 ou 95 minutos. Isso quando não

dura quase 100. E a zaga tem de estar perfeita o tempo todo. Na frente, é outra história. Até é possível estar mais ou menos. Mas, se o atacante faz um, às vezes é o suficiente. Na defesa, pode-se estar bem. Mas uma única falha pode originar um gol. O zagueiro não tem esse direito.

Você foi expulso uma vez com a camisa do São Paulo. O que houve?

Foi contra a Portuguesa santista. Todo mundo viu o lance. Não fiz nada. Tomei uma cotovelada e um soco naquele lugar. Mas o juiz acabou me expulsando.

E o desentendimento com o torcedor?

Foi contra a Portuguesa, no Canindé. Um torcedor da Lusa, acho até que estava embriagado, do outro lado do alambrado, muito alto, por si-

nal, começou a me xingar. Falou do meu pai, minha mãe. Disse que iria me dar porrada. Ele pulou e veio para cima de mim. Havia policial e segurança por perto. Mas ninguém fez nada. O cara entrou para me agredir. Acabei atingindo o nariz dele e sangrou. Mas estou com a consciência tranqüila.

Durante as fotos para esta entrevista, você não conseguiu fazer cara de bravo. Disse que baiano não faz esse gênero. É isso mesmo?

Sou negrão, alto e forte. Mas sou da paz. Sou um cara muito tranqüilo.

Mas zagueiro não tem de ser bravo?

Dentro de campo, me transformo. Não tem jeito. Minha esposa fala que sou outro quando estou jogando. Mas, em casa, sou um menino. Brinco. Dou risada.



No terceiro andar: Fabão venceu a zaga corinthiana e mandou para as redes

Estilo
disciplinador:
mas amigo

De cuca arejada

Ao contrário do que possam imaginar, o novo técnico tricolor é calmo e, realmente, demonstra tranquilidade, mas admite que se torna uma fera quando o assunto é falta de profissionalismo

Por Carlos Mesquita

Alexi Stival nasceu em 7 de junho de 1963, no Estado do Paraná. Era um garoto carrancudo, avesso à idéia de perder. Apesar de jogar futebol desde cedo, cumpria à risca os deveres para com os estudos, já que seus pais o mantinham em um bom colégio mesmo passando por dificuldades financeiras. Nesses tempos, sua maior obrigação era conciliar essas atividades.

Por causa das brigas em que se metia nos campos com outros 'guris', vivia sob uma forte ameaça. Se acaso continuasse arrumando encrenca, sua mãe o levaria a um tal Cuca, um delegado de Santa Felicidade, em Curitiba. Alexi sentia medo dele (talvez porque fosse feio, não se recorda ao certo) e sempre arrumava uma maneira de escapar. De tanto ouvir aquela alcunha diferente, foi inevitável ficar conhecido por ela.

Seu pai era autônomo. Sustentava a família fazendo móveis de vime, pintando casas e executando outras tarefas braçais. Cuca passou a ajudar seu Dirceu quando completou 12 anos. Em virtude disso, acordava às seis da manhã todos os dias. Às vezes, porém, o esgotamento físico era tão grande que ele torcia para chover. Só assim não precisaria levantar-se. "Sei que é até pecado falar isso, mas era pelo cansaço. Eu trabalhava o dia todo e estudava à noite", relembra.

O gosto pelo futebol estava em seus genes. Desabrochar era questão de tempo. O avô foi goleiro do Palestra Itália e seu Dirceu, do Caramuru de Castro, no Paraná. A propósito, seu primeiro nome foi uma homenagem a um camisa dez do time do coração de seu pai, o Pinheiros, hoje Paraná Clube. Na época, as pessoas brincavam dizendo que a equipe tinha apenas 17 torcedores. "Meu pai era um deles", diverte-se.

A determinação o conduziu ao Santos, em 1981, para uma peneira. No período que antecedeu o teste, dormiu na concentração e alimentou-se de bife de soja. Mas foi repro-

vado e a situação tornou-se ainda mais frustrante pelo fato de a seleção ter sido realizada no sítio do Pica Pau Amarelo.

Ele se profissionalizou em 1984, no Rio Grande do Sul, num instante oportuno. Seu pai necessitava ser submetido a uma cirurgia cardíaca com urgência. O antigo INPS (Instituto Nacional da Previdência Social, que tornou-se Instituto Nacional do Seguro Social, INSS) cobriria todos os custos. Mas não pagaria ao anestesista. Bem naquele momento, o Santa Cruz interessou-se por seu futebol e, para iniciar, dar-lheia, coincidentemente, a quantia que faltava para a operação ser concretizada. A proposta foi aceita de imediato. E seu Dirceu, salvo.

O princípio foi duro no interior gaúcho. Ele morava numa república com padeiros e encanadores. Às quatro da manhã, todos já estavam de pé. O rádio, implacável, não deixava ninguém perder a hora. A primeira coisa que seu companheiro de quarto fazia ao levantar-se era fritar um ovo ao lado da cama. E, quando chovia, tinha de improvisar. Para chegar ao campo, amarrava sacos plásticos de arroz nos pés e protegia a cabeça com caixa de papelão. Seu maior

Faça a coisa certa: apontando o caminho da vitória



Na prática: Cuca, às vezes, executa o que pede

CHUTANDO DE PRIMEIRA

Comida - Massa

PASSATEMPO - PESCAR, JOGAR BOLA, ASSISTIR A UMA PARTIDA DE FUTEBOL E BARALHO

Dinheiro - Necessário

Frustração - Perder

MULHER - ALICERCE

Homem - Responsável

Família - Tudo de bom que se pode ter na vida

Ter jogado na Europa - Normal

Tristeza - Morte

FELICIDADE - VIVER EM PAZ

Ser campeão com o SPFC - Responsabilidade e alegria total

LIBERTADORES - SONHO

Seleção - Outro sonho

“Uma única peça que não esteve compenetrada não pode fazer o time perder o jogo. Não existe campeão sem comprometimento”

Seriedade:
respeito entre
os jogadores



“Ser guerreiro não significa que o elenco entrará em campo para dar porrada. O objetivo é vencer, lutar, correr atrás da bola”

desejo era juntar dinheiro e voltar ao Paraná, pois era noivo e morria de saudade da futura esposa.

CHEIO DE BOAS INTENÇÕES

Os planos eram os melhores possíveis. A equipe, entretanto, não colaborava. O Santa Cruz não ganhava de ninguém. O placar dos estádios exibia sempre 2 a 1 ou 3 a 2 para os adversários. A seu favor estavam apenas os gols que marcava. Fez nove em poucas partidas. Assim, chamou a atenção de Levir Culpi, que o levou para o Juventude

(85/86 - 95). Na seqüência, defendeu o Grêmio (87/90 - 92), clube em que conheceu Luis Felipe Scolari.

Cuca literalmente decolou. Voou até a Espanha para jogar no Real Valladolid (90). Retornou ao Brasil a fim de defender o Internacional de Porto Alegre (91). Ainda teve passagem pelo selecionado nacional. A seguir, vestiu a camisa de Palmeiras (92), Santos (93), Portuguesa (94), Remo (94) e Chapecoense (96), quando encerrou carreira em 1997.

Nesse ano, uma tragédia

BATE-BOLA COM CUCA

Apelido com quatro letras é só para fera?

Essa história surgiu no programa do Milton Neves. Ele falou que Cuca não dava certo como treinador porque apelido com quatro letras era ruim. Disse que era mesmo: Didi, Vavá, Pelé, Dudu e Zico. Discretamente, dei um jeito de pôr o meu junto (*risos*).

Como foi a conversa que você teve com o Rojas e o Milton Cruz assim que chegou?

Todo mundo falou que a torcida poderia gritar Rojas, mas ele adquiriu esse respeito pelo que desenvolveu. Não sou ninguém para chegar aqui e tirar o trabalho de um profissional que precisa desse emprego para viver. Até porque o passado do Rojas, que é uma grande pessoa, foi difícil. Mas fui contratado. Então tanto ele quanto o Milton Cruz não têm de pensar em mim entrando no lugar deles. Estamos juntos. Assimilando essa idéia, não haverá problema algum. Pelo contrário. Eles me ajudarão bastante. Não tenho vaidade nenhuma. Do mesmo jeito que pode acontecer isso, a torcida também pode passar a confiar em mim e me ver, Deus queira que aconteça, como o cara certo. Mas as coisas têm de rumar bem para o São Paulo, que é a parte maior de todas e mais importante.

O time está sendo mais brigador do que antes?

Ter marcação forte não é sinônimo de brigador. Ser guerreiro não significa que o elenco entrará em campo para dar porrada. O objetivo é vencer, lutar, correr atrás da bola. Cada um vai fazer isso dentro de suas características e funções. O São Paulo ganhador de 92 e 93 era assim. O Raí, camisa dez, por exemplo, dava carrinho para tudo que era lado. Assim eram os demais. Aquele foi o São Paulo dos sonhos. Esse é meu espírito também. Me lembro bem porque joguei contra esse time. De fato era duro. Todo mundo tinha determinação. Quando eu estava no Palmeiras, perdi as duas finais para o Tricolor. Uma por 2 a 1 e a outra por 4 a 2. Ficamos quietinhos porque eles foram muito melhores que nós. Aquele elenco tinha obsessão por ganhar. Era uma equipe guerreira. Tinha qualidade na saída, no toque de bola, pegada forte e velocidade. Ou seja, tudo que um treinador quer.

Você tem condições de montar um meio-de-campo, pelo menos, parecido com aquele?

É complicado fazer comparações com aquele time, pois vai ser difícil o São Paulo ter uma equipe como aquela. Mas eu tenho esperança.

aconteceu. Ele pendurou as chuteiras para viver um pouco mais com a família, especialmente com o pai. Mas seu Dirceu faleceu. Então Cuca desviou-se de seu caminho. Não conseguia encontrar-se em lugar algum. Tentava, inutilmente, gastar o tempo se dedicando aos estabelecimentos comerciais de que é dono em Curitiba. Nada, porém, era capaz de devolver-lhe a alegria. Até que, em 1998, alguns empresários o levaram ao encontro da felicidade, que se realizou em Minas Gerais. Ao aceitar o desafio de ser técnico da

equipe principal do Uberlândia, tomou as rédeas de seu destino mais uma vez. Voltou a brilhar em um terreno que bem conhecia. Cuca tomou uma bela injeção de ânimo e, depois, comandou Brasil de Pelotas (99), Avaí (99/00), Internacional-SP (2000), Remo (2001), Internacional-RS (2001), Gama (2002), Criciúma (2002), Paraná (2003) e Goiás (2003), time em que se destacou no Campeonato Brasileiro.

Quando chegou, o clube goiano estava em maus lençóis. Era apontado como um dos sérios candidatos à Segun-

Já teve problema com alguém por conta de suas normas? Como está sendo esse começo de trabalho?

Os jogadores aceitam porque os bons profissionais sabem que esse é o caminho. Uma única peça que não esteve compenetrada não pode fazer o time perder o jogo. Não existe campeão sem comprometimento. Também tem de haver um convívio harmonioso. Não precisa ser amigo íntimo, mas tem de existir companheirismo.

É por isso que já se fala em família Cuca?

O ideal é família São Paulo. Todo mundo buscando um único objetivo. Deus ajude que dê certo. Estou muito esperançoso em fazer um grupo bom e unido que entre em campo determinado.

Você está mais para general Cuca ou mestre Cuca?

Só Cuca.

Quais são os aspectos bons e ruins de o time ser composto de novos valores?

Se não der certo, os novos valores serão os culpados. Esse é o único aspecto ruim. O jovem sempre quer crescer na sua profissão. E isso é a melhor coisa que existe. O problema é quando ele se acha maior que o clube.

Como o elenco vive esse clima de Libertadores?

Estamos arrumando o time e treinando muito. Quando começou o Paulista, falei que estava iniciando a Libertadores. Pois estaremos bem no campeonato continental lapidando a equipe no estadual. Tudo que estiver dentro de nosso alcance em matéria de força, vontade e determinação poremos no campo de jogo.

O futebol o afasta um pouco de suas origens. Como fica a família?

Minha menina mais nova, a Natasha, de 11 anos, está com um problema de saúde. Mas está se recuperando bem. Ela teve bronquite asmática seguida de refluxo, cuja origem não se descobre, apesar de o caso estar na mão de especialistas. Durante a noite, sente uma falta de ar muito forte. Chega a nos assustar. Em 29 de dezembro, teve nove convulsões (*emocionado, com lágrimas nos olhos e a voz embargada*). Mas não se entregou em nenhum momento. Sempre falo para a Natasha que, se ela fosse jogadora, seria a capitã do meu time. A mais velha é a Maiara. Está com 14 anos.

E sua esposa?

Vive comigo desde antes do futebol. Era quase vizinha nossa lá. É outra guerreirinha. Está sofrendo muito.



De olho nos objetivos: sem perder o foco

da Divisão. Mas, com pulso forte, uma de suas características marcantes, precisou somente de seis rodadas para ajeitar a casa. Tomou providências – como dispensar jogadores, acertar horários e deixar o elenco concentrado por alguns bons dias antes das partidas - que surtiram efeito quase instantâneo. Sua maneira séria de trabalhar despertou o interesse de várias agremiações. O São Paulo, no entanto, foi mais rápido e transformou o flerte em casamento.

Ele foi apresentado à torcida e à imprensa paulistas em janei-

ro de 2004 e logo implementou suas táticas de guerra no Morumbi. Apesar da voz calma e do olhar tímido, não foge das dividades. Com seu acentuado sotaque sulista, admite não ter a menor paciência para as coisas erradas. Atleta que gosta de badalação noturna ou que se atrasa para os treinos não tem lugar em seu elenco. E é melhor nem insistir. "Meu pavio é curtíssimo para não profissionalismo. Ponho para concentrar dois dias antes, doa a quem doer. E, se um estiver saindo à noite, o grupo inteiro paga", conta.

Graças à sua filosofia, mui-

ta gente está chamando o CCT da Barra Funda de quartel general. Cuca não se importa. Para que se tenha uma idéia, até conceder esta entrevista, havia tirado os pés apenas uma vez do QG, ou melhor, CT para ir ao dentista restaurar uma obturação. Sequer tinha ligado o motor de sua caminhonete.

Para ele, o local é maravilhoso e ficará ainda melhor quando o Tricolor deslanchar nas competições. Embora exigente, não é carrasco. Segundo reportagem do *Lance!*, vai presentear (com calças ou tênis) quem se destacar nos jo-

gos. Não dará moleza aos indisciplinados, porém. De acordo com a mesma matéria, Vélber foi um dos primeiros a ser punidos por tomar cartão amarelo diante da Portuguesa, pelo Campeonato Paulista. A pena dele, decidida por comissão técnica e companheiros, seria contribuir com a 'caixinha'. "Acho que com uns R\$ 100,00", disse o meia ao diário esportivo. Realista, Cuca não promete espetáculo. Mas manda um recado para a nação tricolor. "O torcedor pode ter certeza de que não vamos desapontar ninguém."

Miss simpatia

Paula Formentini, recentemente eleita Miss São Paulo, derrete-se toda pelo Tricolor do Morumbi

FOTOS TATYANA ALVES

PAULA FORMENTINI
 Nascimento: 05/07/87
 Local: São Paulo (SP)
 Signo: Câncer
 Altura: 1,72m



Por Sergio Luci

Ela tem 16 anos e está no terceiro colegial. Ainda não decidiu a carreira que irá seguir. Mas, em 2004, além de optar por um curso profissional, já tem pelo menos dois tipos de compromisso anotados em sua agenda. Deverá torcer muito pelo time na temporada e, principalmente, abrilhantar as festas e os eventos organizados pelo Tricolor. Afinal, no último dia 20 de novembro, conquistou o cobiçado posto de Miss São Paulo.

O concurso teve a participação de 23 associadas. Cada uma delas representou uma modalidade esportiva. Disputando o título desde 2001, Paula finalmente conseguiu o que tanto sonhou. "Estava esperando isso há muito tempo", comemora.

A simpatia por futebol e pelo time do Morumbi nasceu em casa. Seus pais torcem para a equipe das três cores, além de frequentaram as instalações do clube. Portanto, a garota cresceu num ambiente vermelho, branco e preto. Cinco anos atrás, quando se tornou sócia, os laços de amor ficaram ainda mais fortes. Desde aqueles tempos, nos finais de semana, passou a curtir a deliciosa infra-estrutura são-paulina. Aos sábados e domingos, se alguém quiser encontrá-la, as opções são duas. Paula adora tomar banho de sol ou então disputar uma partida de biribol. Além disso, quando há jogos, seu lugar certo são as cativas do estádio. Para ela, a festa não dura apenas 90 minutos. Assim que o árbitro aponta para o centro, sinalizando o término da partida, vai até os vestiários para conseguir autógrafos e camisetas dos craques. A estudante se recorda de uma época muito especial. "O Kaká é lindo e comecei a acompanhar mais os jogos por causa dele. Pena que já se foi", lamenta. Apesar de não poder ver de perto as belas jogadas do ex-ponta-de-lança tricolor, a moça admite que o jeitão de Luís Fabiano lhe agra-

CHUTANDO DE PRIMEIRA

Ator: Rodrigo Santoro
Atriz: Deborah Secco
BANDA: LINKIN PARK
Homem perfeito: Meu namorado
Comida: Macarrão
Bebida: Refrigerante
Defeito: Bagunceira
Ciúme: Chato
Filhos: (Risos) Gêmeos
CHOCOLATE: SENSACIONAL.
GOSTO DE TODOS
Bairro: Morumbi
Animal de estimação: Cachorrinho (risos)

da bastante. De acordo com ela, por ser um jogador de personalidade forte e obter tamanha facilidade em balançar as redes adversárias, o atacante é o principal nome do time.

Nenhuma emoção, entretanto, é comparável a acompanhar um jogo entre São Paulo e Corinthians. "Já vi duas partidas contra o Alvinegro paulista. Em ambas, o Morumbi estava lotado e a minha adrenalina foi a mil. Com toda certeza, esses dois jogos foram especiais."

Para manter a forma, Paula nunca teve de fazer regimes radicais. Desde pequena, queima as "gordurinhas" praticando esporte. Começou jogando vôlei. Logo, porém, foi cortada por causa da estatura. A partir daí, surgiu o interesse pelo handebol. Três vezes por semana, bate uma bolinha. Antes de entrar em quadra, no entanto, Paula fica mais de meia hora na academia. "Nos dias de treinos, corro 30 minutos na esteira e, depois, faço musculação leve." No fundo, revela que gostaria de ser modelo. Mas acha que não possui as características necessárias para arrasar nas passarelas. "Até tenho vontade de seguir essa profissão, mas acredito que não possuo o perfil."

"Já vi duas partidas contra o Alvinegro paulista. Em ambas, o Morumbi estava lotado e a minha adrenalina foi a mil. Com toda certeza, esses dois jogos foram especiais"



BATE-BOLA COM A MISS

Já passou por alguma situação inusitada durante uma partida?
Uma vez fui assistir ao jogo do São Paulo contra a Ponte Preta e estava acompanhada de três amigos. Um deles deu um peteleco em um copo d'água, que caiu sobre os torcedores rivais. Os seguranças viram e nos retiraram do estádio. Só fomos liberados porque um sócio do clube nos reconheceu.

Existe alguma coisa no seu corpo de que não goste?

Minha barriga. Engordo com muita facilidade.

Quais são seus hobbies?

Adoro jogar handebol e ouvir música. Quando estou em casa, costumo ver televisão.

Qual é sua balada favorita?

Não sou chegada a baladas tranquilas ou barzinhos. Gosto mesmo é de dançar ao som de um bom techno.

Determinação:
objetivo alcançado no final do ano passado

→ O jogo com a Portuguesa ocorreu no aniversário de SÃO PAULO. Por isso, houve muita comemoração antes do início, com direito a fogos de artifício

PAULISTÃO 2004



Cicinho:
ótimo
apoiador

São Paulo 0 x 0 Ponte Preta

1º JOGO

SÃO PAULO

Rogério; Cicinho, Diego Lugano, Fabão e Gustavo Nery; Fábio Simplício, Alexandre, Danilo (Marquinhos) e Vélber (Souza); Grafite e Luís Fabiano • **Técnico:** Cuca

PONTE PRETA

Lauro; Ângelo, Gabriel, Alexandre (Luís Carlos) e Marcão; Romeu, Marcos Vinícios, Piá e Kléber; Rafael Ueta e Rafael Godói • **Técnico:** Estevam Soares

Cartões amarelos: Souza; Romeu e Piá • **Juiz:** Silvia Regina de Oliveira • **Data:** 21/01 • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

Na estréia, apesar do empate, o São Paulo botou pressão. O goleiro Lauro safou-se como pôde. E ao Tricolor faltou sorte. Cicinho, Fabão, Vélber, Danilo e Grafite, além de Marquinhos que entrou no segundo tempo, deram conta do recado

Portuguesa 2 x 3 São Paulo

2º JOGO

PORTUGUESA

Gléguer; Marquinhos, Alex Oliveira, Denis e Alessandro; Capitão e Paulo Isidoro (Fabiano); Danilo e Luciano Santos Lucas, Itaparica

Técnico: Dario Pereyra

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Cicinho, Fabão, Diego Lugano e Gustavo Nery; Alexandre, Fábio Simplício, Danilo e Vélber (Marquinhos); Grafite e Luís Fabiano • **Técnico:** Cuca

Gols: Luís Fabiano aos 36min e aos 39min do primeiro tempo, Paulo Isidoro aos 6min, Lucas aos 20min e Grafite aos 22min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Cicinho e Fabão • **Juiz:** Anselmo da Costa • **Data:** 25/01 • **Local:** Estádio do Canindé, São Paulo (SP)

Contra a Portuguesa, o São Paulo conseguiu uma vitória suada. Embora tenha feito 2 a 0 no primeiro tempo, permitiu uma reação do adversário, que empatou. Mas Grafite marcou o gol que garantiu o placar favorável ao Tricolor

→ O time venceu a Lusa, mas **CUCA** não saiu satisfeito de campo. Cobrou todo mundo. E o resultado apareceu no jogo seguinte, diante da Briosa

Port. Santista 1 X 4 São Paulo 3º JOGO

PORTUGUESA SANTISTA

Cristiano; Edson Mendes, Valdir, Márcio Santos e Claudinho; Axel, Chicão, Beto e João Fumaça; Marlon (Gileno) e Nando • **Técnico:** Belarmino de Almeida

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Cicinho, Fabão, Rodrigo e Gustavo Nery; Alexandre, Fábio Simplício, Fábio Santos e Vélber; Grafite e Luís Fabiano • **Técnico:** Cuca

Gols: Nando aos 3min, Luís Fabiano aos 26min e 35min, Grafite aos 44min e Luís Fabiano aos 45min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** João Fumaça e Nando; Gustavo Nery e Alexandre • **Cartões vermelhos:** Gileno; Fabão • **Juiz:** Edílson Pereira de Carvalho • **Data:** 01/02 • **Local:** Estádio Ulrico Mursa, Santos (SP)

América 0 x 2 São Paulo 4º JOGO

AMÉRICA

Gustavo; Jorginho, Marcão, André Luiz e Alex Albert; Daniel, Lau, Mário e Luiz Fernando; Zé Augusto e Maurício • **Técnico:** Roberval Davino

SÃO PAULO

Rogério; Cicinho, Rodrigo, Diego Lugano e Fábio Santos; Alexandre, Fábio Simplício, Marquinhos e Gustavo Nery; Grafite e Luís Fabiano • **Técnico:** Cuca

Gols: Luís Fabiano aos 44min e aos 45min do primeiro tempo • **Cartões amarelos:** Daniel, Mário e Luiz Fernando • **Juiz:** Paulo César de Oliveira • **Data:** 08/02 • **Local:** Estádio Benedito Teixeira, São José do Rio Preto (SP)

1º TEMPO

20' FORTALEZA

Édson Mendes chuta bem, mas Rogério Ceni defende

25' FRAQUINHO, FRAQUINHO

Sozinho, e na cara do gol, Beto não capricha. A bola sai fraca e Rogério Ceni, mais uma vez, segura

28' SEGURA ESSA

Grafite solta a bomba, o goleiro Cristiano espalma. Na sobra, Cicinho chuta forte e o arqueiro manda para escanteio

29' NÃO ENTENDI NADA

Fábio Santos bate o escanteio. Fabão acerta boa cabeçada e Cristiano não segura. No bate-rebate, o juiz marca falta em cima do goleiro

42' PELA CULATRA

Depois de receber o passe de Fábio Simplício, Grafite chuta à esquerda do gol adversário

2º TEMPO

3' PLACAR ABERTO

João Fumaça, num contra-ataque, cruza da direita para Nando bater no canto direito de Rogério Ceni

19' QUE É ISSO, COMPANHEIRO

Na área, Luís Fabiano livra-se de Claudinho e balança as redes. Mas o árbitro vê irregularidade no lance

26' TUDO IGUAL

Em jogada ensaiada, Danilo cobra falta por baixo. Marquinhos fura e Luís Fabiano fuzila. É o primeiro do Tricolor

37' NA FRENTE

Grafite toca de calcanhar para Luís Fabiano, que faz o segundo

43' DE NOVO

Luís Fabiano rapidamente puxa contra-ataque e passa para Grafite vencer Cristiano e mandar para o fundo das redes

44' NÃO ACABOU, NÃO

Na dividida, Luís Fabiano leva a melhor e arremata para fechar a goleada



Fabigol: guardou três contra a Briosa

São Paulo 1 x 0 Corinthians 5º JOGO

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Cicinho (Gabriel), Rodrigo, Fabão e Fábio Santos; Alexandre, Fábio Simplício, Gustavo Nery e Marquinhos (Danilo); Grafite (Jean Carlos) e Luís Fabiano • **Técnico:** Cuca

CORINTHIANS

Fábio Costa; Pingo (Fabrício), Anderson, Marquinhos e Moreno (Julinho); Fabinho, Rincón, Adrianinho, Dinelson (Jô) e Samir; Régis • **Técnico:** Juninho Fonseca

Gols: Fabão aos 29min do primeiro tempo • **Cartões amarelos:** Fábio Simplício; Rincón e Samir • **Cartões vermelhos:** Fábio Santos; Fabinho • **Juiz:** Cléber Wellington Abade • **Data:** 15/02 • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

➔ No último dia 11 de fevereiro, o **TRICOLOR** iniciou sua busca pelo tricampeonato da Libertadores com uma vitória sobre o Alianza, do Peru

A América será nossa!

A primeira batalha do torneio foi travada em solo peruano. Em pleno estádio Nacional, em Lima, o Alianza sucumbiu às forças tricolores. Os destaques do São Paulo foram Rogério Ceni e Fabão. O goleirão foi o autor do gol que inaugurou o placar.

Aos 22 minutos do primeiro tempo, ele bateu com perfeição uma

falta sofrida por Fábio Simplício na entrada da área adversária. Butrón, o arqueiro adversário, não conseguiu espalmar a bola, que foi morrer no fundo das redes. Mas a euforia durou pouco, pois o Alianza empatou dois minutos depois por meio de Vílchez, que cabeceou praticamente sozinho na pequena área.

Depois de se igualarem no marcador, os peruanos passaram a pressionar muito. No início da etapa complementar, o desenho do jogo não se modificou. O Alianza continuou jogando no campo são-paulino. Mas Cuca, perspicaz, trocou seus dois meias. Pôs Jean e Danilo em lugar de Gustavo Nery e Marquinhos, respectivamente, logo nos primeiros 15 minutos. Com isso, o time

do Morumbi deu uma acordada, atuando de forma mais compacta. Aos poucos, a equipe foi impondo seu ritmo. Com Grafite aberto pela direita, Jean na esquerda e Luís Fabiano fixo na área, o esquadrão melhorou substancialmente.

Eis que aos 24 minutos apareceu o outro herói da partida.

Após escanteio, Luís Fabiano fuzilou Butrón, que defendeu apenas parcialmente. No rebote, Fabão, de cabeça, marcou o tento da vitória tricolor. Em bolas levantadas na pequena área, o zagueirão parece sempre estar pronto para atazanar a vida dos adversários. Com sua excelente impulsão e seu ótimo senso de posicionamento,

Fabão não tem perdoado.

Aos 38, Luís Fabiano ainda perdeu ótima oportunidade. O atacante quis colocar a bola no ângulo, mas ela terminou arancando tinta do travessão. Até o fechamento desta edição, o São Paulo estava na liderança do grupo quatro junto com o LDU, do Equador, com três pontos.

A estreia do São Paulo na Libertadores teve um sabor especial para Rogério Ceni (ao lado). O goleiro abriu o placar com um golaço de falta



Alianza Lima 1x 2 São Paulo

1º JOGO

ALIANZA

Leao Butrón; Guillermo Salas, Arakaki, Vílchez e Fernández; Cruzado, Ciurlizza e Junior Viza (Sanchez); Aguirre (Virgil), Silva e Farfán (Montez) • **Técnico:** Gustavo Costas

SÃO PAULO

Rogério; Cichinho, Fabão, Rodrigo e Fábio Santos; Alexandre, Fábio Simplício, Marquinhos (Danilo) e Gustavo Nery (Jean); Grafite (Diego Lugano) e Luís Fabiano • **Técnico:** Cuca

Gols: Rogério Ceni aos 22min e Vílchez aos 24min do primeiro tempo; Fabão aos 24min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Vílchez; Cichinho e Rodrigo • **Juiz:** Claudio Martín • **Data:** 11/02 • **Local:** Estádio Nacional, Lima (Peru)

VOCÊ SABIA?

Hoje, **ROGÉRIO CENI** é o segundo maior artilheiro do grupo são-paulino. Com o gol diante dos peruanos, chegou à marca de 29 tentos - sem contar os quatro em decisões por pênalti. Logo atrás, aparece o polivalente Gustavo Nery, com 25. A liderança é de Luís Fabiano, com 104. O goleiro é o único atleta remanescente do elenco que disputou a última Libertadores do clube, em 94. Aliás, também esteve na de 93. Nas duas oportunidades, foi reserva de Zetti. Mas não chegou a jogar nenhuma partida.

→ O Brasileirão/2004 tem 24 times que disputarão **552 JOGOS**, em turno e retorno, totalizando 46 rodadas

CAMPEONATO BRASILEIRO 2004



SÉRIE A - TURNO

21/04 (quarta-feira)	São Paulo	X	Atlético/PR
25/04 (domingo)	Criciúma	X	São Paulo
28/04 (quarta-feira)	São Paulo	X	Fluminense
02/05 (domingo)	Guarani	X	São Paulo
09/05 (domingo)	Coritiba	X	São Paulo
16/05 (domingo)	São Paulo	X	Paraná
23/05 (domingo)	Cruzeiro	X	São Paulo
30/05 (domingo)	São Paulo	X	Corinthians
13/06 (domingo)	São Paulo	X	Grêmio
20/06 (domingo)	Paysandu	X	São Paulo
27/06 (domingo)	Palmeiras	X	São Paulo
04/07 (domingo)	São Paulo	X	Ponte Preta
07/07 (quarta-feira)	São Paulo	X	Atlético/MG
11/07 (domingo)	Santos	X	São Paulo
14/07 (quarta-feira)	São Caetano	X	São Paulo
18/07 (domingo)	São Paulo	X	Figueirense
21/07 (quarta-feira)	Botafogo	X	São Paulo
25/07 (domingo)	São Paulo	X	Vasco
28/07 (quarta-feira)	Juventude	X	São Paulo
01/08 (domingo)	Inter	X	São Paulo
04/08 (quarta-feira)	São Paulo	X	Vitória
08/08 (domingo)	Flamengo	X	São Paulo
11/08 (quarta-feira)	São Paulo	X	Goiás

RETORNO

15/08 (domingo)	Atlético/PR	X	São Paulo
18/08 (quarta-feira)	São Paulo	X	Criciúma
22/08 (domingo)	Fluminense	X	São Paulo
29/08 (domingo)	São Paulo	X	Guarani
01/09 (quarta-feira)	São Paulo	X	Coritiba
08/09 (quarta-feira)	Paraná	X	São Paulo
12/09 (domingo)	São Paulo	X	Cruzeiro
19/09 (domingo)	Corinthians	X	São Paulo
26/09 (domingo)	Grêmio	X	São Paulo
29/09 (quarta-feira)	São Paulo	X	Paysandu
02/10 (sábado)	São Paulo	X	Palmeiras
06/10 (quarta-feira)	Ponte Preta	X	São Paulo
17/10 (domingo)	Atlético/MG	X	São Paulo
24/10 (domingo)	São Paulo	X	Santos
27/10 (quarta-feira)	São Paulo	X	São Caetano
30/10 (sábado)	Figueirense	X	São Paulo
07/11 (domingo)	São Paulo	X	Botafogo
14/11 (domingo)	Vasco	X	São Paulo
21/11 (domingo)	São Paulo	X	Juventude
28/11 (domingo)	São Paulo	X	Inter
05/12 (domingo)	Vitória	X	São Paulo
12/12 (domingo)	São Paulo	X	Flamengo
19/12 (domingo)	Goiás	X	São Paulo



Cuca:
nova cara
ao time

**O Tricolor estreia
na competição em 21 de abril**

O "Diamante" que nunca morre

FOTOS REPRODUÇÃO



Leônidas:
brilhante,
raro e valioso

Leônidas da Silva, um dos melhores jogadores de todos os tempos, faleceu em 24 de janeiro. Mas o Diamante Negro, como era conhecido, será eternamente lembrado pela excelência de seu futebol e pelas sensacionais atuações com a camisa das três cores

Por **Fernando Savaglia/**
Colaborou **Raul Snell Jr.**

Sem dúvida, ele foi o maior jogador de seu tempo. Quem o viu em ação garante que era completo.

Ambidestro, driblava como poucos e, quando arrematava a gol, fazia o público prender a respiração. Graças à sua pontaria refinada, raramente chutava por cima da trave. Um de seus apelidos, "Diamante Negro", recebeu num amistoso defendendo a seleção brasileira contra o Uruguai, em 1932, por ser considerado brilhante, raro e valioso. O outro, "Homem Borracha", na Copa da França, em 1938, torneio do qual foi artilheiro, com oito gols. Lá, ele encantou o planeta. Não bastassem todas essas habilidades, ainda foi o principal precursor da "bicicleta". Atrás da linha da bola, ele projetava o corpo no ar de costas para a meta adversária e, como um malabarista, desferia o chute quase sempre certo. Mágica pura. "Descobri que antes de Pelé houve um outro Rei do Futebol. Leônidas foi o primeiro jogador a atingir essa grandeza, tornando-se tão conhecido quanto o próprio presidente Getúlio Vargas", afirmou André Ribeiro, jornalista que escreveu *O Diamante Eterno*, biografia do craque, ao jornal

LEÔNIDAS DA SILVA

Apelidos: **Diamante Negro e Homem Borracha**

Nascimento: **06/09/1913**

Local: **Rio de Janeiro**

POSIÇÃO: **CENTROAVANTE**

Jogos disputados pelo SPFC: **211**

Data de entrada no SPFC: **01/04/1942**

Data de saída do SPFC: **30/10/1951**

Gols marcados pelo SPFC: **140**

TÍTULOS PELO SPFC: **CAMPEÃO PAULISTA EM 1943, 1945, 1946, 1948 E 1949**

Clubes que defendeu: **Sírio e Libanês (1930), Bonsucesso (1930 a 1932), Peñarol-URU (1933), Vasco da Gama (1934), Botafogo (1935 a 1936), Flamengo (1936 a 1942) e São Paulo (1942 a 1951)**

Copas do Mundo: **1934 e 1938**

Jogos pela Seleção Brasileira: **37**

Gols marcados pela Seleção Brasileira: **37**

ARTILHEIRO: **COPA DO MUNDO DE 1938 (COM 8 GOLS)**

"HOMEM BORRACHA" NAS TELINHAS

Em breve, as novas gerações poderão conhecer um pouco mais sobre Leônidas da Silva. Está sendo rodado um longa-metragem que retratará a trajetória do craque desde a infância até seus últimos dias. Com direção de Paulo Machline e Ricardo Martirani, *Diamante Eterno*, título provisório, deve chegar às telas no final de 2005. O roteiro está sendo elaborado pelo jornalista, cineasta e escritor José Roberto Torero. Uma equipe de profissionais está empenhada em colher informações entre amigos, ex-jogadores e pessoas que tiveram contato com ele. André Ribeiro, biógrafo de Leônidas que faz parte da produção, contou ao diário esportivo *Lance!* que a idéia é lançá-lo próximo de uma Copa do Mundo. "Para que tenha repercussão fora do Brasil."

SOBRE A PRODUÇÃO

Título: *O Diamante Eterno*

Duração: 110 minutos

Direção: Paulo Machline e Ricardo Martirani

Roteiro: José Roberto Torero

Produção: Paulo Machline, André Ribeiro e Ricardo Martirani

Pesquisa: *O Diamante Eterno*, biografia de Leônidas, pelo jornalista André Ribeiro

Informações tiradas do site oficial de Leônidas da Silva

Estado de São Paulo.

Seu estilo encantava os olhos independentes das preferências por esse ou aquele clube. Leônidas da Silva, o maior fenômeno do futebol brasileiro dos anos 30 e 40, morreu no último dia 24 de janeiro, aos 90 anos de idade, de infecção pulmonar. Seu corpo foi enterrado no Cemitério da Paz, zona sul da capital paulista. Desde 1993, o ex-



LEÔNIDAS NO THE TIMES

O jornal britânico *The Times* destinou quase meia página do caderno *The Register* para falar de Leônidas da Silva. O diário afirma que ele foi um dos primeiros jogadores a fazer o famoso gol de "bicicleta". O *Times* diz que sua agilidade e seu indiscutível talento foram responsáveis pelos apelidos de "Homem Borracha" e "Diamante Negro".

craque sofria do Mal de Alzheimer e vivia em uma casa de repouso em Cotia, município da grande São Paulo. Defendeu o Tricolor por oito anos. Sua estréia ocorreu no dia 24 de maio de 1942 contra o Corinthians, no Estádio do Pacaembu. O resultado foi um empate por 3 a 3. Na época, alguns o achavam decadente e fora de forma. Vaiado pela torcida adversária por conta de sua discreta atuação, prometeu a si mesmo que nunca mais atuaria mal contra o time do Parque São Jorge. Cumpriu a promessa. Três meses depois, foi o autor do terceiro tento da goleada são-paulina sobre o arqui-rival por 4 a 2. No total, enfrentou o Corinthians 15 vezes, venceu dez, empatou três e perdeu apenas duas.

Ele ajudou o superesquadrão tricolor a triturar não só o Alvinegro como todos os outros rivais na maioria dos embates naquela década. Numa época em que vencer os certames estaduais era a maior glória que uma equipe poderia con-

quistar, o clube obteve cinco títulos paulistas. O centroavante passou os anos 40 fazendo gols e mais gols pelo São Paulo. Ao todo, foram 140. O último aconteceu no dia 4 de janeiro de 1950, na vitória sobre o Botafogo carioca por 5 a 4, em partida válida pelo torneio Rio-São Paulo.

Ao abandonar os gramados, Leônidas dirigiu a equipe são-paulina três vezes. A primeira em 1951, sendo substituído por Ariston de Oliveira. Voltaria ao cargo no ano seguinte e, depois, em 1954. Como técnico, não conseguiu o brilho que teve como atleta. Ainda foi comentarista esportivo na TV Record a convite de Paulo

Machado de Carvalho. A famosa bicicleta, imortalizada no Memorial do São Paulo Futebol Clube, representa sua genialidade e comprova que futebol é mais do que um simples jogo. É pura arte.

HOMENAGEM PÓSTUMA

O Tricolor do Morumbi reabriu a exposição Leônidas da Silva no Memorial do clube, no dia 2 de fevereiro. Com 20 painéis sobre a carreira do jogador, a exibição seria encerrada apenas no fim do mês.

A bicicleta

A principal característica do artilheiro Leônidas era a beleza de seus gols. De vez em quando, entrava para a história de seu clube, como o famoso gol de bicicleta, feito em 1942, contra o Corinthians, no Estádio do Pacaembu. Foi esse gol que abriu o caminho para o sucesso do São Paulo. O jogador foi considerado o primeiro a fazer esse tipo de chute, e a partir daí, muitos outros jogadores passaram a imitá-lo.

Em vários momentos, Leônidas sempre foi chamado de "Homem Borracha" e "Diamante Negro".

Apresentado desde os primeiros dias, até chegar ao período de seu falecimento, em 24 de janeiro de 1993, o jogador foi considerado o maior craque da história do futebol brasileiro.

Com 20 painéis sobre a carreira do jogador, a exibição seria encerrada apenas no fim do mês.



Garotada se preparando para o teste

O futuro come

Tricolor padroniza suas escolas oficiais e implementa sis

Por Sergio Luci

Com o objetivo de fortalecer a marca São Paulo, formar novos torcedores, realizar intercâmbios e possuir uma porta de entrada para as categorias de base, o São Paulo criou, em 1993, suas escolas oficiais. Terceirizados até 1996, os centros esportivos passaram a fazer parte do Tricolor e ficaram sob domínio do clube em 1997. Desde lá, muita coisa mudou. Em 2002, a comissão criada para supervisionar as escolas, responsáveis pelas avaliações dos meninos, elaborou um planejamento de modernização para os trabalhos desenvolvidos nas escolas. A primeira atitude foi vistoriar as 29 unidades existentes. Ao término, em consequência das más condi-

ções financeiras e estruturais, 13 foram reprovadas e fechadas. Posteriormente, foi elaborada uma programação especial para auxiliar os proprietários, coordenadores, professores e secretárias das empresas. O processo inteiro se reestruturou. A avaliação de atletas, porém, foi o ponto que teve mais modificações. "Antes, os alunos eram divididos em duas equipes e jogavam entre si. Mas hoje a forma de o menino ser analisado é muito mais completa", diz o coordenador José Roberto Calicchio, que, ao lado do supervisor Paulo César da Cruz e dos técnicos José Alves Borges e Antonio Rodrigues, forma o grupo responsável pelo projeto, todos sob o comando do diretor Júlio Moraes. O trabalho divide-se em três fa-

ses. No decorrer do ano, os professores selecionam seus melhores atletas, que depois serão observados individualmente num sistema denominado Circuito Técnico. Nessa etapa, os alunos são submetidos a uma série de cinco testes - condução de bola, domínio, finta, cabeceio e passe com os dois pés. Após essa fase, são analisados de forma coletiva num campo reduzido. Aos que se destacam, resta apenas

aguardar a oportunidade. Os escolhidos vão para um "período de experiência" no CT de Barueri. Lá, eles são avaliados pelos técnicos das categorias de base de acordo com sua respectiva faixa etária. Os futuros profissionais têm a oportunidade de mostrar seu talento durante a Copa São Paulo Futebol Center (realizada uma vez ao ano num fim de semana), cuja finalidade é a confraternização dos meninos.

Em 2002, a comissão criada para supervisionar as escolas elaborou um planejamento de modernização para os trabalhos desenvolvidos



Palestra para professores e funcionários das escolas



Comissão técnica fazendo preleção

ça hoje

tema ainda mais profissional

O fruto desse trabalho já começou a dar resultados. "Em um curto espaço de tempo, as escolas encaminharam 30 garotos. Hoje, dois jogam no juvenil e oito no infantil. Ainda estão sendo analisados 20 no dente-de-leite", comemora Calicchio.

Além das 22 escolas distribuídas por todo o País, o Tricolor conta com duas no exterior. Uma na Coreia do Sul, dirigida pelo ex-jogador José Carlos Serrão; e outra na Tailândia, comandada pelo professor Borges. A primeira existe há mais de dois anos, enquanto a segunda está prestes a comemorar seu primeiro aniversário. Afora isso, ocorre também um intercâmbio. Diversos meninos coreanos já passaram pelos gra-

mados brasileiros. Assim como os garotos tricolores foram convidados para participar de um torneio na Ásia disputado na cidade de Suwon. E se sagraram campeões. Em 2003, os são-paulinos nascidos em 1992 ficaram 23 dias no Japão. Por lá, disputaram vários campeonatos, todos na região de Miagi. Em janeiro deste ano, os japoneses vieram para cá jogar a I Copa Integração São Paulo Futebol Clube/Miagi.

No ano passado, as escolas oficiais passaram a ficar sob administração do departamento de futebol de base do clube. Atualmente, a média de inscritos em todas as escolas é de 6 mil jogadores. A unidade do Tatuapé lidera a lista com o maior número de alunos.

Na voz de Paulo Planet

Perdas e danos

Recentemente, em artigo tive a oportunidade de dizer que, infelizmente, vez pôr outra tínhamos a lamentar perdas irreparáveis. E eis-me voltando ao assunto para manifestar o luto em que todos nós, são-paulinos, nos encontramos, face o falecimento, o desaparecimento do nosso inesquecível companheiro Luiz Cássio dos Santos Werneck, que nos deixou no pleno exercício das funções honrosas de presidente do conselho deliberativo, o órgão supremo do clube. Dos 81 anos que viveu, Luiz Cássio dedicou ao São Paulo, seu clube do coração, com certeza, mais de 60. Destacando-se, de forma muito particular, no comando dos esportes amadores, na época esplendorosa do atletismo do clube das três cores, então praticamente campeão de todas as categorias. Werneck foi um dos grandes gigantes da história imensa do Tricolor e será sempre lembrado por seu imenso amor ao São Paulo e à cidade de São Paulo. Particularmente, deixa imensas saudades, eis que foi no seu escritório que dei meus primeiros passos como advogado.

Como nem tudo são perdas, também tivemos ganhos, o principal dos quais o nosso retorno à Libertadores, onde, no passado, conquistamos algumas das nossas maiores glórias, até chegar aos dois títulos mundiais, ápice da nossa vida futebolística. E, como neste mundo nada acontece por acaso, com certeza, no agrupamento enorme da nossa torcida, que se encontra ao lado de Deus e de Jesus, e para onde foi o Luiz Cássio, e outros anônimos mas não menos importantes, certamente teremos torcendo pelos nossos sucessos nesse torneio continental, toda essa enorme gama de companheiros que, em outros extratos da vida, continuam mostrando o seu nunca negado amor pelo nosso amado clube.



Paulo Planet Buarque é membro vitalício do Conselho Deliberativo do São Paulo Futebol Clube, do qual foi presidente duas vezes.

Morre Luiz Cássio dos Santos Werneck

Morreu, no dia 9 de fevereiro, aos 81 anos, Luiz Cássio dos Santos Werneck (foto abaixo), presidente do Conselho Deliberativo do São Paulo. Tricolor convicto, esteve presente aos principais momentos do clube. Sua história em ambiente são-paulino teve início em 1939. Nesse ano, adquiriu o título de sócio. Por duas oportunidades, foi diretor de esportes amadores (de 1952 a 1956). Também foi integrante da comissão pró-estádio no mesmo período. Em 1954, elegeu-se conselheiro pela primeira vez. Em 1960, recebeu o título de sócio benemérito. Tornou-se conselheiro vitalício em 1988. Foi empossado membro nato do conselho consultivo em 1994 e participou de importantes comissões. O corpo de Werneck foi velado no Salão Nobre do Estádio Cícero Pompeu de Toledo e enterrado no dia 10 no cemitério da Consolação. Como homenagem, o Memorial do clube levará seu nome. Para ocupar a presidência deixada por Werneck, o Conselho Deliberativo escolheu Claudio Aidar, então vice-presidente do órgão. No lugar de Aidar, assume Mário Furegati.

LUIZ CÁSSIO DOS SANTOS WERNECK
Nascimento: 25/07/1922
Local: São Paulo
Profissão: Advogado



“Quanto lhe deve o São Paulo, Laudo...”

Capítulo IV - Parte 2

Discurso proferido por Manoel Raymundo Paes de Almeida em 10/04/1972

E alguém haverá de contar a eles, Laudo, a história de um moço simples, modesto e trabalhador, que um dia de grandes incertezas quanto ao futuro deste clube, um outro grande são-paulino, o inesquecível Cícero Pompeu de Toledo, foi buscar em sua mesa de trabalho, em seu banco, para entregar-lhe um bastão que, por seu peso, parecia destinado a cair.

Isso aconteceu em 1952 e talvez tenha sido, dentre os grandes serviços prestados ao nosso São Paulo pelo saudoso presidente de honra, Cícero Pompeu de Toledo, o maior deles: o de tê-lo trazido, Laudo, para formar na diretoria do São Paulo Futebol Clube, entre os homens que, obstinados no seu amor, teimavam em manter de pé, ereta, a árvore que a borrasca financeira ameaçava arrancar do solo das nossas esperanças.

Você trabalhou, lutou, perseverou. Já era um líder, quando Cícero Pompeu de Toledo, com seu estado de saúde agravado, indicou-o para a presidência do nosso São Paulo. Foi em 1958, Laudo. E, você vencendo, o São Paulo venceu.

Não nos lembramos, Laudo, de um só momento, em que você tenha colocado a paixão acima da razão. Não nos recordamos de um só instante, em que você tenha abandonado o caminho traçado, a reta estabelecida e projetada com tirocínio e bom senso para enveredar pelos meandros que poderiam satisfazer os críticos e descontentes que não tinham olhos para o futuro, mas que, certamente, não atenderiam aos supremos objetivos e ao sonho maior do São Paulo.

Enfrentou, sempre com a galhardia dos tranqüilos e conscientes, os perigos da impopularidade, sempre que isso se fez necessário. Quando foi preciso arrojo, arrojou-se com a disposição dos fortes. Desde a primeira pedra dos alicerces do nosso estádio até a última pá de cimento, esteve vigilante, atento, irredutível no propósito de levantar esse patrimônio que eternizaria nosso clube e que daria ao mundo a prova maior e irrefutável do valor, do desprendimento e da capacidade de trabalho da gente são-paulina. Quanto lhe deve o São Paulo, Laudo...

Quanto lhe devemos todos nós, que tivemos o privilégio de formar a seu lado.

Você sempre diz que, se algum mérito teve, em tudo isso, foi o de ter sabido, sempre, escolher sua equipe, seus companheiros. Talvez tenhamos mesmo, todos, muitos méritos, sim. Mas, Laudo, é sabido do quão importante é o comando, a liderança, para a vitória em qualquer batalha.

Hoje o nosso São Paulo é isso que vemos: um clube poliesportivo assentado sobre bases indestrutíveis. Os temporais que ontem nos fizeram tremer já não nos assustam mais. Os que vêm de fora não acreditam nos próprios olhos, quando, admirando o monumento tricolor, ficam sabendo que foi erigido com as nossas próprias forças.

O presidente da república, Laudo, esse ilustre patriota, Emilio Garrastazú Médici, hoje admirado e amado por todos os brasileiros, também não escondeu seu espanto diante do que aqui foi levantado. E quando ele disse, Laudo, que “o Brasil devia contar com maior número de dirigentes como você”, ele estava interpretando o pensamento de todos que o conhecem.

Por Agnelo Di Lorenzo



Chuva causa prejuízo

No dia 2 de fevereiro, uma forte chuva, antecedida por ventos com mais de 80 km/h, atingiu as dependências do Parque Social e do Estádio do São Paulo. Os prejuízos ultrapassaram os R\$ 500 mil. As águas, com lama e entulho, invadiram os vestiários do estádio, os ginásios 4 e 5, as quadras de tênis, as quadras poliesportivas, a quadra de vôlei de areia, o berçário, a lanchonete e o parque aquático, que inclui três grandes piscinas. Além disso, 500 m² de muro desabou. A recuperação das áreas danificadas começou logo após o fim do temporal. A área social do Tricolor ficou fechada durante oito dias, reabrindo aos associados em 9 de fevereiro.



Vista aérea do complexo social



Parte do muro que desabou



Nem o vestiário escapou

O homem de 20 milhões de dólares

Luís Fabiano continua sendo um atacante implacável. Neste começo de temporada, suas boas exibições lhe renderam um lugar na seleção brasileira. Contra a Portuguesa, pelo Campeonato Paulista, no aniversário da cidade de São Paulo, estufou as redes duas vezes e esbanjou raça. Diante da Biosa, em primeiro de fevereiro, anotou mais três, ultrapassando a marca dos 100 gols com a camisa vermelha, branca e preta. O craque renovou contrato até 2008 com o clube e o valor de sua multa rescisória subiu de 15 para 20 milhões de dólares.

SEJA VOCÊ TAMBÉM UM SÓCIO-TORCEDOR



Sócio-Torcedor, vencedor
do Marketing Best 2003.



SÓCIO-TORCEDOR BRONZE

carteirinha, diploma, revista,
camisa oficial do sócio-torcedor e
fita de vídeo institucional do SPFC.



SÓCIO-TORCEDOR PRATA

carteirinha, diploma, revista,
camisa oficial do sócio-torcedor,
camisa oficial do SPFC e fita de
vídeo institucional do SPFC.



SÓCIO-TORCEDOR OURO

carteirinha, diploma, revista,
camisa oficial do sócio-torcedor,
camisa oficial do SPFC
autografada e fita de vídeo
institucional do SPFC.



SÓCIO-TORCEDOR MASTER

carteirinha, diploma, revista,
camisa oficial do sócio-torcedor,
camisa oficial do SPFC
autografada, fita de vídeo
institucional de SPFC e visita
ao Morumbi.

E MAIS: bilheteria exclusiva, sorteios, promoções, descontos em
lojas credenciadas e 50% de desconto nos ingressos de jogos com
mando do SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE no Morumbi.

www.saopaulofc.net
0800-120812



Bom futebol na Taça São Paulo



A garotada foi bem, mas deixou o título escapar

A garotada da equipe tricolor de aspirantes foi bem na Copa São Paulo. Mesmo assim, deixou a taça escapar para o Corinthians, na final realizada no dia 25 de janeiro, no Estádio do Pacaembu. Mesmo mostrando superioridade durante a primeira etapa, principalmente por intermédio do atacante Diego Tardelli, que criou várias jogadas, mas que terminou substituído por Paulo Matos por sentir dor na coxa, o Tricolor não soube transformar as oportunidades em gol. Na etapa complementar, o Corinthians marcou logo aos cinco minutos. Os são-paulinos, porém, equilibraram a partida. Com a expulsão de Alê, a defesa ficou vulnerável e Mateus, aos 39min, terminou cometendo um pênalti convertido por Rafael. O São Paulo chegou sete vezes à final do torneio. Sagrou-se campeão nas edições

de 1993 e 2000 e já tinha sido vice em 1981, 1992, 1994 e 2001. Este ano, o grupo contou com atletas que tiveram oportunidade de atuar no time principal, como Marco Antonio, Ailton, Paulo Krauss, Fábio Santo, Edcarlos e Diego Tardelli. A molecada mostrou bom futebol ao longo da competição. Para disputar o título, o São Paulo superou o arqui-rival Palmeiras na semifinal. Depois de empatar nos 90 minutos, venceu nos pênaltis por 4 a 2. Contra o Rio Branco, o placar ficou em 2 a 2. Na cobrança de penalidades, muita emoção: 7 a 6. Diante do Santo André, os garotos ganharam por 2 a 1. Com o Fluminense-RJ, apenas um empate por 1 a 1. No terceiro jogo da segunda etapa da Copinha, não houve gols. Mas, nas duas primeiras partidas, foram duas sensacionais goleadas. Um 5 a 0 no Criciúma e um 6 a 0 no Fluminense do Piauí.

A TRAJETÓRIA NA COPA SÃO PAULO 2004

São Paulo 5 x 0 Criciúma 1º JOGO - 1ª FASE

SÃO PAULO Mateus; Tiago, Edcarlos, Flávio (Carlos Cesar) e André; Renan, Marco Antonio, Fábio Santos e Ailton; Paulo Krauss e Robert (Paulo Matos)

• **Técnico:** Vizolli

CRICIÚMA José Carlos; Filipe, Fernando, Sergio e Gleidson; Douglas, Ramon, Alisson (Alan) e Juninho (Alisson Xavier); Junior e Eder • **Técnico:** Gonzaga Milioli

Gols: Douglas (contra) aos 32min do primeiro tempo; Edcarlos aos 24min, Paulo Matos aos 3min e Paulo Krauss aos 35min e 43min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Edcarlos e Flávio; Fernando e Gleidson • **Cartão vermelho:** Ramon • **Juiz:** Marcelo Duarte • **Data:** 04/01 • **Local:** Estádio Francisco Marques Figueira, Suzano (SP)

São Paulo 6 x 0 Fluminense (RJ) 2º JOGO - 1ª FASE

SÃO PAULO Mateus; Tiago, Edcarlos, Flávio (Carlos Santos) e André; Renan, Marco Antonio, Fábio Santos (Rafinha) e Ailton (Robert); Paulo Krauss e Diego Tardelli • **Técnico:** Vizolli

FLUMINENSE Pepe; Tata, Índio, Ricardo e Mauro (Daniel Neves); Preto, Anderson, Ricardinho e Fred (Binha); Daniel e Zé Rodrigues • **Técnico:** Gilson

Gols: Marco Antonio aos 2min, Diego Tardelli aos 5min, Fábio Santos aos 22min e Tiago aos 36min do primeiro tempo; Fábio Santos aos 16min e Diego Tardelli aos 37min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Paulo Krauss; Binha e Ricardinho • **Cartão vermelho:** Paulo Krauss; Tata • **Juiz:** Flamarion David Volpe • **Data:** 07/01 • **Local:** Estádio Francisco Marques Figueira, Suzano (SP)

São Paulo 0 x 0 Ecus (Suzano) 3º JOGO - 1ª FASE

SÃO PAULO Mateus; Douglas, Digão, Flávio e André; Renan, Marco Antonio, Fábio Santos (Rafinha) e Ailton (Robert); Paulo Krauss e Diego Tardelli (Paulo Matos) • **Técnico:** Vizolli

ECUS Gledson; Anderson, Flavio, Antonio Carlos, Vander e Marsílio; Toni, Gilmar, Baiano e Rafael, Deco (Dourado) e Alex • **Técnico:** Antonio Carlos (Tonhão)

Cartões amarelos: Flavio, Antonio Carlos, Guilherme, Vander, Dourado e Gledson; Digão e Rafinha • **Cartão vermelho:** Flavio • **Data:** 11/01 • **Local:** Estádio Francisco Marques Figueira, Suzano (SP)

São Paulo FC 1 x 1 Fluminense (RJ) 1º JOGO - 2ª FASE

SÃO PAULO Mateus; Tiago, Edcarlos, Flávio e André; Renan, Marco Antonio, Ailton (Rafinha) e Fábio Santos (Ernanes); Robert e Diego Tardelli (Paulo Matos)

• **Técnico:** Vizolli

FLUMINENSE Zé Pedro; Arilson, Juliano (Flavinho), Rodolfo e Amarildo; Doda (Alexandre), Marcos Arouca, Humberto e Josimar; Rodrigo Tiuí e Reginaldo

Gols: Humberto (contra) aos 25 min e Rodrigo Tiuí aos 37min do segundo tempo • **Penalidades:** São Paulo 3 x 1 Fluminense • **Cartões Amarelos:** Amarildo, Alexandre e Reginaldo; Edcarlos • **Juiz:** Rodrigo Guarizo do Amaral • **Data:** 14/01 • **Local:** Estádio Francisco Marques Figueira, Suzano (SP)

São Paulo 2 x 1 Santo André (SP) 1º JOGO - 3ª FASE

SÃO PAULO Mateus; Tiago (Carlos Cesar), Edcarlos, Flávio e André; Renan, Alê, Marco Antonio e Fábio Santos; Diego Tardelli e Paulo Krauss • **Técnico:** Vizolli

SANTO ANDRÉ Junior, Diego (Marcelo), Celinho, Gabriel e Rafael Cruz; Ronaldo (Robson Santos) Dodo, Jonh (Carlos Eduardo) e Rafael; Renan Makanaki e Regyvan. **Técnico:** Celinho Maia

Gols: Marco Antonio aos 25min do primeiro tempo; Renato a 1min e Paulo Krauss aos 40min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Regyvan; André, Tiago, Flávio e Alê • **Cartão vermelho:** Regyvan • **Juiz:** Alexander da Rosa Lefeu • **Data:** 18/01 • **Local:** Estádio Bruno José Daniel, Santo André (SP)

São Paulo 2 x 2 Rio Branco EC (SP) 1º JOGO - 4ª FASE

SÃO PAULO Mateus; Tiago, Edcarlos, Carlos Santos e André (Ernanes); Renan, Ale, Marco Antonio e Fábio Santos; Paulo Krauss e Diego Tardelli • **Técnico:** Vizolli

RIO BRANCO Eder; Thiago, Paulão, Clayton e Pituco; Everton (Negreti) Carlos Renato, Alan e Carlos Eduardo (Adonis); Anderson e Willian • **Técnico:** Marquinhos Sartori

Gols: Diego Tardelli aos 37min, Carlos Eduardo aos 18min do primeiro tempo; Marco Antonio aos 15min e Willian aos 26min do segundo tempo • **Penalidades:** São Paulo 7 x 6 • **Cartões Amarelos:** Ale, André, Renan e Tiago (São Paulo) – Carlos Eduardo, Ala, Willian e Pituco (Rio Branco) • **Juiz:** Phillipe Lombard • **Data:** 20/01 • **Local:** Estádio Bruno José Daniel, Santo André (SP)

Palmeiras 1 X 1 São Paulo SEMIFINAL

SÃO PAULO Mateus; Carlos Cesar (Douglas), Edcarlos, Carlinhos, Carlos Santos e Hernanes (Ailton); Renan, Marco Antonio e Fábio Santos; Paulo Krauss e Diego Tardelli • **Técnico:** Vizolli

PALMEIRAS Deola; Ilsinho (Wellington), Belém, Fred e Vinicius; André (Catito), Rogério, Michael (Willian Rocha) e Julio Cesar; Rafael Marques e Bruno Cazarini • **Técnico:** Wilson Coimbra

Gols: Hernanes aos 34min do primeiro tempo; Vinicius aos 12min do segundo tempo • **Penalidades:** São Paulo 4 x 2 Palmeiras • **Cartões amarelos:** Michael, Belém e Júlio Cesar; Paulo Krauss, Diego Tardelli, Renan e Fábio Santos • **Cartão vermelho:** Belém • **Juiz:** Rodrigo Braghetto • **Data:** 22/01 • **Local:** Bruno José Daniel, Santo André (SP)

Corinthians 2 X 0 São Paulo FINAL

SÃO PAULO Mateus; Tiago, Edcarlos, Carlinhos (Robert), Flavio e André; Alê, Marco Antonio e Hernanes (Ailton); Paulo Krauss e Diego Tardelli (Paulo Matos)

• **Técnico:** Vizolli

CORINTHIANS Julio Cesar, Edson, Wendel, Alemão e Fininho; Rafael, Ronny, Rosinei (Nilton) e Ednei (Bobô); Abuda (Renato) e Jô • **Técnico:** Ladeira

Gols: Bobo aos 5min e Rafael aos 39min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Alemão e Wendel; Ale, Carlinhos Flávio e Mateus • **Cartões vermelhos:** Fininho e Abuda; André, Ale e Marco Antonio • **Juiz:** Phillipe Lombard • **Data:** 25/01 • **Local:** Estádio Municipal do Pacaembu, São Paulo (SP)

Mais reforços

O São Paulo começou o ano se reforçando para a temporada 2004. Além dos jogadores que chegaram com o técnico Cuca (Fabão, Rodrigo, Grafite, Cichinho e Vélber), o clube trouxe mais três. Da Ponte Preta, veio o atacante Jean. Também foram contratados os meias Marquinhos – por empréstimo de seis meses; ele estava no Bayer Leverkusen, mas seus direitos federativos pertencem ao Paraná Clube – e Danilo, que defendia o Goiás.

DANILO Gabriel de Andrade
Nascimento: 11/06/1979
Local: São Gotardo (MG)
Posição: meio-campista
Altura: 1,86m
Peso: 80 quilos



JEAN Carlos Macedo da Silva
Nascimento: 09/08/1980
Local: Campinas (SP)
Posição: atacante
Altura: 1,75m
Peso: 72 quilos



MARQUINHOS - Marcos Vicente dos Santos
Nascimento: 29/09/1981
Local: Florianópolis (SC)
Posição: meio-campista
Altura: 1,78m
Peso: 74 quilos

O São Paulo é gato?

Por Guaracy Souza Sampaio

Desde que me conheço como torcedor - e isso já faz mais de 50 anos -, venho ouvindo dizer por alguns que o São Paulo Futebol Clube foi fundado em 25 de janeiro de 1930; por outros que a data correta de sua fundação é 16 de dezembro de 1935.

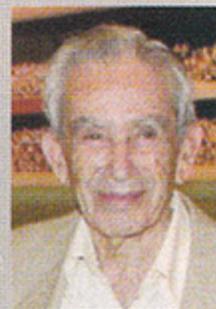
Acho que passou da hora de nos reunirmos para resolver essa pendenga. Afinal, um clube da grandeza do nosso São Paulo não pode nascer do nada nem ter duas fundações.

Entendo que aqueles são-paulinos que ajudaram a salvar dos escombros, na sede do Trocadero, na rua Dom José de Barros, os pedaços do São Paulo fundado em 25 de janeiro de 1930 estão trafegando na via "preferencial". É uma data histórica. O mesmo dia em que Anchieta celebrava a primeira missa no Pátio de Colégio, no Planalto de Piratininga, certidão de nascimento da cidade de São Paulo, nos idos de 1554. Esse dia é feriado em São Paulo.

Aqueles são-paulinos de 16 de dezembro de 1935 são os mesmos que assinaram a ata de fundação do clube lavrada em 25 de janeiro de 1930. Porque o sangue que corria em suas veias era o mesmo. Era o sangue do amor pelo São Paulo da Floresta, do Canindé ou do Morumbi. Foram eles que não deixaram a peteca cair, com o desaparecimento do São Paulo Futebol Clube, campeão Paulista de 1931, e outras vezes vice-campeão, em tão curto espaço de tempo. Eles se encarregaram de reunir o que se salvou do naufrágio e "refundaram" o São Paulo Futebol Clube de 16 de dezembro de 1935, que continuou com o mesmo nome, a mesma fervorosa torcida, as mesmas glórias, os mesmos ideais - a volúpia de ser cada vez maior, cada vez mais querido.

Alguns jogadores daquele esquadrão nem chegaram a "mudar de emprego", tão certos estavam de que tudo aquilo não passava de mero acidente de percurso, um descuido contábil de uma administração que pensava grande demais para o seu tempo.

Não se pode mudar os rumos da história. A essência das coisas continua, ainda que se mudem os nomes. Já pensaram o que ocorreria se alguém pensasse em eliminar as glórias do Palestra Itália porque mudou de nome? Ainda que muitos considerem isso uma ficção jurídica, para mim o São Paulo Futebol Clube foi sempre um só: aquele fundado no dia 25 de janeiro de 1930. O torcedor está com a palavra.



PARA LER

Testemunha ocular

Editora: DBA
Preço sugerido: 25 reais
127 páginas

Juca Kfoury, apresentador da TV Cultura, da Rádio CBN e articulista do diário de esportes *Lance!*, lançou recentemente *Meninos, Eu Vi*, um livro de crônicas de futebol que traz alguns personagens que marcaram época. Um dos mais constantes é o Rei Pelé. Mas feras como Zico, Sócrates, Ademir da Guia, Telê Santana, Tostão, João Saldanha e Garrincha não ficam de fora - e ainda tem sua tia libanesa. De maneira leve e bem-humorada, o jornalista narra algumas passagens que ele próprio acompanhou. São histórias que viu na sua infância e outras de quando já era um profissional das redações.



As histórias de Mauro Beting

Editora: Leia Sempre
Preço sugerido: 25 reais
184 páginas

Há pouco tempo, Mauro Beting lançou *Bolas & Bocas - Frases de craques e bagres do futebol*. A obra informa, ilustra e recria a fantasia do futebol. Segundo Armando Nogueira no prefácio da obra, o jornalista nos concede o privilégio de saborear idéias, achados, princípios, valores e citações sobre o fascinante universo futebolístico. "A bola de futebol acompanha o craque, ela tem alma de cadela". Esta frase é de Nelson Rodrigues, uma das que estão presentes no livro. Mauro Beting é comentarista na Rede Bandeirantes desde 1997 e tem uma coluna diária no jornal *Agora São Paulo*. Para ser claro e objetivo no assunto, o jornalista fez cursos de árbitro e de técnico de futebol.



...E A CHUVA INVADE O MORUMBI.



Dorinho.



São Paulo Futebol Center

A maior escola de craques do Brasil

0800 120812 | www.saopaulofc.net

TOPPER DYNATECH.
É COMO SE
VOCÊ JOGASSE
SEM ENCOSTAR OS
PÉS NO CHÃO.

Dynatech.
A tecnologia
antiimpacto
da Topper.



DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO
JOÃO FARAH
2024



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ